

“Uma sequela muito esperada, recheada de intriga e fantasia, onde não sabemos se ao virar da esquina estão inimigos prontos a dar o golpe final ou uma reviravolta que nos tira o fôlego, de tanto suster a respiração!”

— **Marta Ambrósio** —

@martaambr0si0 (Instagram, Youtube)

“Em “Garras Gélidas”, estamos de volta ao mundo de Zallar e à região de Terra Parda.

Dono de um vocabulário invejável e riquíssimo, Nuno Ferreira apresenta-nos uma obra que cria suspense e entusiasmo em cada virar de página. O escritor continua a criar um mundo bastante complexo, com uma grande variedade de personagens, inseridas numa história cheia de segredos, sangue, sensualidade e enredos políticos.

“Garras Gélidas” é uma fantástica sequela de “Espada que Sangra”, e estou definitivamente ansiosa para ler mais desta saga e ver em que tipos de intrigas, mistérios, traições, crueldade e “jogos de trono” as nossas personagens preferidas mergulharão.

Convido-vos a entrar nesta aventura aliciante e descobrir os mistérios das Histórias Vermelhas de Zallar. Um título obrigatório para os fãs de Fantasia!”

— **Cristiana Ramos** —

Café Mais Geek
cafemaisgeek.com

NUNO FERREIRA

GARRAS GÉLIDAS

HISTÓRIAS VERMELHAS DE ZALLAR
VOLUME II



Editorial Divergência

Dezembro de 2025

FICHA TÉCNICA

Título: Histórias Vermelhas de Zallar Volume II — Garras Gélidas

Autor: Nuno Ferreira

Coordenação editorial: Pedro Cipriano e Carolina Sousa

Edição: Mário Coelho

Revisão: Victor Hugo, Rita Marques e Arlete Gomes

Fotografia de Capa: Demian - stock.adobe.com

Composição de capa: Andreia Batista e Constança Gonçalves

Composição: Constança Gonçalves

ISBN: 978-989-9331-01-3

Este livro foi composto pelos tipos:

Baskerville e Palatino Linotype

©2025 Editorial Divergência

©2025 Nuno Ferreira

©2025 Demian

©2025 Andreia Batista

©2025 Constança Gonçalves

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.

Editorial Divergência

Centro de Negócios de Ansião
Parque Empresarial do Campoêres
3240 465 Chão de Couce
Portugal

Website: <https://divergenciapt/>

E-mail: geral@trebarunapt

Telefone: 962 083 369

O Grupo Editorial Divergência e a Editorial Divergência são marcas da DNL Convergência, Lda.

Esta obra segue o Acordo Ortográfico de 1945

Este livro foi criado por humanos, para humanos. Nele, não foi utilizada inteligência artificial generativa, e proibimos que o seu conteúdo e arte sejam utilizados para o treino e desenvolvimento de modelos e tecnologias de inteligência artificial.



PRÓLOGO

*Torre das Harpas
Primavera de 1297*

Adilar, o alto e negro capitão-general de Allesterij XI, fitava o horizonte movimentado. *A minha Ul'Uljktr*, orgulhou-se enquanto ajustava o meio-elmo à cabeça. *Recuperei a alma da minha casa*. O seu cavalo cinzento espumava da boca, exausto e faminto.

As vias eram compostas de terra e, devido às recentes chuvadas, tinham-se tornado um vau de lama e de estrume. Enormes valas tinham sido abertas, prenhes de água estagnada que se haviam tornado verdadeiros esgotos a céu aberto, a feder sob nuvens de moscas. Os detritos da Ocupação Dyekken começavam a atenuar-se, mas o ar ainda estava carregado e sufocante. Ossos de crianças eram encontrados nas enxergas podres dos mendicantes, por vezes misturados com ossos de gado e excrementos. Mesmo assim, o bairro Aii'Uanjlll era uma constelação de ruído e movimento. A vida regressava a Ul'Uljktr.

Alguns menestréis cantarolavam músicas animadas, ilustres praticavam falcoaria nos seus terraços de lousa, havia quem tivesse montado bancas para vender licores, cordas de enchidos e rodas de queijo, produzindo um padrão de cores berrantes através da dissonância de tonalidades das suas telas. Homens altos com pele cor de ébano e tranças cobertas de amuletos conduziam imponentes ursos-de-guerra açaimados para as jaulas, e mulheres, crianças e velhos, cada um com sua ocupação, palmilhavam aquelas vielas, agora livres da opressão que Dyekken Jacoh lhes havia incutido durante os últimos meses.

Os ventos estavam contrários naquele fim de tarde. Adilar passou de galope para um trote brando. Cavalgou pacientemente por entre os edifícios menos opulentos da cidade, observando o mau estado em

que alguns daqueles monumentos ainda se encontravam, ainda que se notasse um esforço considerável por parte dos el'ak em recomeçar os trabalhos de recobro, não só um motivo de orgulho como a prova física de que finalmente se reerguiam. O Dia de Oshnik estava apenas a começar, mas os sacerdotes já enchiam os templos com as suas palavras melosas.

— Esta é a minha Ul'Uljktr! — deixou escapar Adilar, numa voz que saía a dobrar. *A Ul'Uljktr que recuperei às mãos de Dyekken Jacoh.* Colocara Hymadher contra Jacoh frente a frente num campo de batalha, rumara à fortaleza e libertara os seus da opressão dos Sangue Branco. Um evento que a população el'ak baptizara como *A Festa Negra.*

Atravessou um longo átrio de mármore e internou-se na sombra pálida que era a estufa fúnebre dos criminosos, o crematório. Velas ardiam por todo o lado. O som dos cascos de cavalo no empedrado reboava no ar comprimido à sua volta.

Junto aos longos fornos aglomeravam-se oferendas aos deuses, lacrimários, lucernas e todo o tipo de gamelas votivas, algumas delas já lascadas. Um velho sacerdote de cabelo rapado enchia uma ânfora de barro com o sangue de um sangue branco executado, que jorrava em golfadas de uma goela aberta. O cadáver estava suspenso de uma trave de madeira pelos pés amarrados à corda de cânhamo, como um porco num matadouro. *Um recente,* percebeu Adilar. De cada vez que julgavam que os haviam apanhado a todos, encontravam um invasor escondido algures.

Desceu do cavalo e deixou-o com Ijj, inclinou a cabeça para passar por uma baixa arcada de pedra parcialmente erodida pelo tempo e, ao fundo de um longo corredor de calçada torreharpense, viu um amplo pórtico adornado a bronze, protegido por seis guardas.

A entrada para os cárceres comuns. Todos os oficiais de serviço bateram continência à sua passagem.

O interior do cárcere era frio, muito embora duas fileiras de castiçais marginassem a galeria que dava acesso às celas. Quando Adilar atravessou as grades com o olhar, o definhado Sangue Branco do lado de lá estava acorocado sobre uma mesa de pedra encastrada no solo

de pedra. Sobre a tábua, cercada por um atulhamento de discos de esteatite e marfim pintados, estava a pequena reprodução em bronze de um gorila. O prisioneiro levou uma mão ao cabelo desgrenhado e fez avançar o gorila por entre as colunas de discos, cumprindo assim a tradicional jogada hulwashc que permitia a vitória no conhecido passatempo ujask, que se podia jogar sozinho ou acompanhado.

— Fantásticos progressos, Almagro. Aconselho-te a melhorares a tua ujsh antes de apostar o gorila. Podes precisar dele mais tarde. — *Melhorar a ujsh* significava suprimir mais peças facilmente anuláveis, aumentando o seu domínio em campo.

O sangue branco respondeu com um silvo, algo entre um gargarizar e um ranger de dentes.

— Claro! Se há alguém que percebe de estratégia é Akratall Adilar, o icónico capitão-general de Ul'Uljktr — disse Doody “Gargantilha” Almagro, antes de voltar o rosto chupado para o el’ak.

Olhos velhos projectaram-se contra Adilar, como canhões sedentos de destruição. Descalço e com uma túnica suja e maltrapilha de linho manchada pela urina e pelo suor, a figura de Almagro faria um pedinte sentir-se um rei.

— O que você tentou fazer ao meu povo foi contra o acordo que Dyekken Jacoh ratificou — observou Adilar com uma expressão endurecida que não revelava qualquer tipo de emoção.

A palavra acordo é um empolamento, uma mentira que não me apraz, quis corrigir. Almagro riu-se, repassando os dedos pela maçã da garganta.

— Cale-se, meu grandessíssimo merdas de duas pilas. Estou-me a cagar para o que pensa. Nada disso importa mais. O seboso está morto. E eu aqui, neste magnífico palácio de pedra — ironizou, passando a língua pelos lábios secos, cercados de barba e de peles enrugadas.

Adilar inclinou-se sobre as grades.

— Dê-se por afortunado, sangue branco, por ainda conservar o seu bem mais valioso: a vida. Dê-se por afortunado, traidor, por a nossa misericórdia ser infinita.

Doody Almagro ergueu-se e aproximou-se das grades.

— Você está a gozar comigo, ou simplesmente é um filho da mãe imbecil? Comida à míngua e uma cela húmida e fria? O que é que está aqui a fazer, todo-o-poderoso general? Não acredito que esteja aqui apenas para me ensinar a jogar ujjask. Veio gozar o prato, ver com os seus próprios olhos o estado deplorável a que cheguei? Não, não, não. Você quer algo. Quer algo de mim, só ainda não percebi o quê.

O el'ak inspirou fundo e afastou-se, olhando-o por cima do ombro. O seu rosto foi parcialmente engolido pelas sombras que as paredes proporcionavam. Almagro era um tipo esperto, bem mais esperto do que calculara. *Se ele já percebeu, não vou estar com rodeios.*

— A nossa patrulha inspeccionou a fazenda em ruínas, onde se deu o confronto entre Hymadher e Jacoh. Foram localizados vários corpos, entre eles o cadáver do vosso senhor Dyekken num monte de terra. Trouxemo-lo e enterramo-lo numa cripta, epigrafada com o título Uj'yba, "O Intruso". — O sorriso mordaz de Almagro exibia as gengivas e a dentição podre.

— Nada que não se adequê.

— Fizemos um inventário dos homens que enfrentaram Hymadher, e dos corpos encontrados. Faltam dois.

— Dois?

— Exacto. Não encontramos o cadáver de Dyekken Benn, nem de Smitt Walt-Kimber.

Almagro bufou.

— O dedinho e o fina-flor? Duvido que se tivessem safado. Hymadher deve tê-los levado como prisioneiros.

Adilar cofiou a sobrancelha. *Não me surpreende.*

— Acredito que sim! No entanto, Kolt Prence-Milt continua em parte incerta, e sabemos que houve uma aliança dúbia entre Dyekken Jacoh e senhores de Welçantiah. Descobrimos documentos nos vossos aposentos que revelam ter enviado Prence-Milt para subornar esses homens poderosos. Nós guerreámos os exércitos que esses senhores welçantianos destacaram e quase morremos por isso. Depois de todos percebermos o mal-entendido, eles voltaram para a sua terra mãe, mas Prence-Milt nunca voltou.

UM

Welçantiah

— Que esta palhaçada acabe depressa! — disse Hamsha num murmúrio.

A cúpula radial do Palácio Real do Unicórnio parecia tão alta, que quase furava as nuvens vermelhas que nessa tarde se revelavam invulgarmente baixas para a época do ano.

Quase podia jurar que a Quadriga descera dos céus em chamas para me salvar deste inferno, pensou a nova rainha. Enormes lanças fixas em suportes de bronze junto aos vértices da tribuna cingiam esvoaçantes bandeiras rubis com o unicórnio empinado ao centro. O vento levantava cortinas de poeira da terra granular, e nuvens de fumo cavalgavam o ar, trazendo o cheiro a pólvora e a coisas mortas. *E se eu executar uns quantos por estarem a comer pó nas minhas cerimónias de coroação? Hum...* A coisa era tentadora.

— Minha filha — sussurrara Fro Carmez, de pernas cruzadas no interior da liteira, durante o percurso. — Este momento é de extrema importância para si. Simboliza a aceitação por parte das tropas. Aceitarem-na como rainha é capital para manter o seu estatuto.

Hamsha assentiu sem entusiasmo, maravilhosa num elaborado vestido cerimonial. O tecido era macio como seda, uma variação de tons ocres, amarelos e vermelhos. Faixas lilases cingiam-lhe a cintura e uma armação erguia-se triunfante atrás da cabeça, com relevos a reproduzirem palmas e cachos de uva ornamentais. A esbelta coroa com as nove penas que simbolizavam os nove reis da Casa Anoris refulgia-lhe à cabeça, com o rubi vermelho a cintilar. Os seus olhos estudaram, através da seda vermelha que cobria a liteira, as ruelas movimentadas que os guardas se apressaram em esvaziar.

Volveu o olhar para o rosto curvo de Carmez, que transpirava argúcia e maldade num sorriso quase obsceno. *Uma malvada cara de aborto*, gritou-lhe o demónio dentro de si, mas limitou-se a erguer os cantos dos lábios.

— Lorde Goròn redigiu mais algum pergaminho para eu ler?
— O sacerdote sorriu-lhe, como se nisso encontrasse um gesto velado de desprezo. Hamsha olhou por cima do ombro e viu Zamora Dane e Hordy Mool de olhos bem abertos, acomodados em reverberantes almofadas de sedas com lantejoulas. Os escravos silenciosos e Stelbun Odd-Mai, a resmungar com o assento, compunham o remanescente do séquito.

— Não precisa fazer nenhum discurso — disse Carmez com uma voz nasalada.

— Não?

O súbito interesse de Hamsha despertou um brilho adicional no sacerdote. Os olhos de Carmez, pintados com borrões de antimónio esmagado, ardiam de vermelho. Ergueu três dedos.

— Apenas precisa tomar três decisões. Escolher cinco militares para a servirem na Guarda Ameriliana, destacar o seu braço-de-ouro...
— Hamsha chutou o seu olhar para Mool. O guarda respondeu-lhe com um anuir de cabeça e uma expressão tranquila. — E, caso seja a sua vontade, requerer um conclave para braço-de-prata.

— Não deveria ter sido aconselhada em relação a isto?

— É isso que eu estou a tentar fazer, minha querida.

Hamsha teve vontade de cuspir-lhe em cima.

— Confio que não tente, sacerdote. Não lhe concedi esse privilégio.

— Compreendo, e, no entanto, sou eu que aqui me encontro. Onde estão os seus conselheiros? — perguntou Carmez.

Fez um biquinho com os lábios em resposta, qualquer coisa que tinha mais de sarcástico que de infantil.

— É verdade, você atirou Fel Manny para o cárcere e acredito que tenha tido dedo no facto de Agnim Wilfred-Hunther e os seus militantes terem caído no poço das indóias. — As sobranceiras de

Carmez ergueram-se. — Não se assuste, sacerdote. Sei bem que tudo o que fez faz parte da negra conspiração que urde com o meu tão querido cunhado, aquele poço de bondades. No entanto, eu ainda tenho um Conselho. Vax Mohill é agora o meu primeiro chanceler, gostaria de saber onde está ele neste momento.

— Provavelmente, nos lençóis com uma das suas putinhas de vinte anos.

— Que blasfêmia, Fro Carmez — respondeu a rainha, mordaz. — Levantar falsos testemunhos sobre um membro do Conselho sem provas não é merecedor de punição? Ou a generosidade de Misera mede-se pelo peso da bolsa do acusado? Como é que diz o ditado? Um pedinte de coroas ganha a simpatia dos que se medem à salva.

A salva, também chamada “prata”, era a moeda de prata, mais valiosa do que o disco, a moeda de bronze, mas inferior à coroa. Carmez fez os dentes rangerem, mas dissimulou a fúria interior com um sorriso cheio de significados. Olhou-a de viés.

— Vossa Excelência caminha em terrenos pantanosos.

Os olhos de Hamsha dardejaram.

— Isso é uma ameaça, sacerdote? — *Queres comer areia?*

— É óbvio que não. Seja como for, minha senhora, neste momento sou eu o seu deablio. O seu porta-voz, o seu mentor. Fui nomeado por Lorde Goròn para desempenhar as funções.

— Claro. Lorde Goròn.

Quando chegaram, Thamm Hednar e os lanceiros esperavam-nos em carreira. Viu uma fileira pouco disciplinada de cavalos com as garupas forradas a ouro. Agitavam-se e relinchavam, expondo as crinas exuberantes de efeitos, controlados pelas mãos nervosas dos escravos. Os guardas deram a mão a Hamsha para a ajudar a descer, com toda a gentileza e elegância que a situação exigia. Assim que os cabelos deslizaram pelas sedas da liteira, toda aquela fila ajoelhou-se, e quando pôs os pés no terreno descampado, o mestre-de-lanças ergueu a mão. A rainha concedeu a sua mão e Hednar beijou-lhe o ar sobre a ponta dos dedos. Hamsha sentiu os cabelos da nuca a eriçarem-se. Ao passar pelo veterano, ele ergueu-se e os seus homens fizeram o mesmo.

DOIS

As chamas vacilavam. Zamora Dane encontrava-se sobre o tapete de mármore dos aposentos reais, junto à antecâmara, enquanto Hordy Mool acariciava a prateleira da lareira. Sentada na escrivaninha, Hamsha molhava uma pena na tinta bem diluída de resina de palmeira de um boião e redigia o conteúdo de um pergaminho. Mal terminou, enrolou-o de forma célere. Os seus olhos encontraram-se de imediato com os do braço-de-ouro.

— Leva-o — indicou.

— A quem? — perguntou Dane, assim que Hordy Mool pegou no rolo.

Os olhos de Hamsha dardejaram o braço-de-prata.

— Engasgou-se, Dane? Julguei que tivesse soluçado. — Os seus olhos reviraram-se e voltou-se para Mool. — Faça-o. E nem uma palavra. Quanto a si, Zamora Dane — disse, voltando para ele o olhar —, sugiro que seja prudente. Sou agora a sua rainha, espero que tenha a consciência disso. Vou tentar esquecer a forma como me tratou antes, caso se mostre à altura. Quero quatro guardas à minha porta. Mool, vá.

Dane lançou um olhar vingativo à rainha e preparou-se para segui-lo, mas Hamsha tinha a certeza de que ele iria de imediato informar Goròn da mensagem que enviara por Mool, e se mandasse alguém segui-lo, chegariam rapidamente a Agnim Wilfred-Hunther.

— Dane, você fica.

Lançou o olhar para o corpo de homens que montava guarda à porta. Entre eles, o esguio guarda que recrutara nas cerimónias. A cara estampada de Hymadher.

— Minha Alteza, — disse o braço-de-prata — gostava de saber o que se está a passar.

Dois escravos mareanos permaneciam estanques junto a uma das colunas da cama, quando Hamsha se sentou nela com uma pose sensual.

— Descanse, Dane. Isto vai demorar... A partir de agora, sou eu a sua rainha. Qualquer que seja o contrato que estabeleceu com Lorde Goròn, esse contrato acabou. Só sai por aquela porta quando isto ficar esclarecido entre nós.

Zamora Dane riu entredentes.

— Vossa Alteza, para mim esse assunto está mais do que esclarecido. Lorde Goròn tem o seu poder nesta espada, não o vamos negar, mas é você a minha rainha por direito. Prestei-lhe juramentos durante a cerimónia, lembra-se?

Hamsha não podia ter ficado mais indignada. Precipitou-se para a frente com os seios a pedirem para se soltar do decote. *Vá, olha para eles. Vá, atira-me as tuas peganhosas mentiras.*

— Sei bem quando me enganam, zarolho. E nesses olhos vesgos vejo que me está a dizer apenas aquilo que quero ouvir. Você é um reles de um canalha, o cãozinho de fila que adora lambe as botas ao seu dono, e esse seu dono é Ameril Goròn, isto não é novidade.

Dane respondeu-lhe com ironia:

— Se você sabe isso tudo, porque não me afastou deste cargo?

— Se eu pudesse, Dane, tê-lo-ia feito sem pestanejar. E acredite que o farei, quando for a altura certa para isso. Acredite que sim. — *E fá-lo-ei, de uma forma tão abrupta que vais ficar de cara à banda...*

O braço-de-prata sorriu com uma confiança inabalável, o que a irritou.

— Ótimo. E agora, o que é suposto eu dizer?

A rainha ergueu-se, levantou o braço e deslocou-o da esquerda para a direita numa violenta chapada sobre o rosto do braço-de-prata. Dane virou a cara, embora o seu humor tenha regressado logo após o impacto.

— Você vai pagar muito caro por isto, Dane. Mantê-lo-ei no cargo, sim. Mas vai fazer exactamente o que eu mando, e ser-me-á leal, ou farei a sua vida num inferno.

Levantou o indicador na direcção para a porta, fazendo a sua bracelete de ouro brilhar à luz que se derramava pelas janelas.

— Saia, Dane. Agora.

— Adoro vê-la borrada de medo, Alteza. Tem um gostinho delicioso.

Os olhos de Hamsha arregalaram-se quando Dane caminhou, calmo e confiante, na direcção da porta. Podia pedir aos guardas para o matarem, mas o mais provável era que ele, sozinho, os desancasse a todos. Antes de sair, porém, voltou-se para Hamsha vagarosamente.

— Ah, Vossa Alteza. Se quer saber o que tanto tem ocupado Vax Mohill, vá aos aposentos do chanceler, e veja com os seus próprios olhos. Fica a dica. — Com essas palavras, desapareceu para lá da antecâmara.

Reles. Filho de uma rameira. Lanceiro de Aan. Kaff. Aborto. Monte de esterco. Bastardo. Filho de uma bastarda sem pernas. Filho de uma puta zarolha. Filho de uma cabra tinhosa. Filho de... Sossegou. Vou esmagar-te como uma larva.

Hamsha permaneceu pensativa durante algum tempo. Depois, caminhou a passos largos para o jovem guarda e olhou-o intensamente nos olhos. *Os olhos de Hymadher. São os mesmos olhos, é incrível.* Fitou o capacete do jovem, onde se destacava um pequeno relevo escutiforme de seis centímetros de altura com a forma de um unicórnio.

— Como se chama, soldado?

O guarda reagiu friamente, embora a sua expressão não ocultasse alguma inquietação.

— Cladyan, minha senhora! Toppe Cladyan, sobrinho do antigo coronel Toppe Wylien, e é com muita honra que me apresento perante Vossa Alteza...

— Falas demais — vociferou Hamsha, com um suspiro.

Fez descer o seu olhar e reparou tanto no pormenor das sobrancelhas como nos ténues pêlos que se prolongavam para lá delas. O rosto do jovem era bem definido, *que a Flamejante me queime se não é filho dele. O seu nome é Cladyan, um nome de rei.* Cladyan, o Rubro, fora o quinto rei da dinastia Ameril, que vigorara em Welçantiah de 1012 a 1027. Fora destemido, mas ficara mais conhecido pelos problemas

de urticária do que pela sua governação. Com um girar de tornozelos, virou abruptamente a cabeça e ladrou uma ordem aos seus escravos:

— Dispam-me!

Assim o fizeram. Removeram as alças e os atilhos do descomunal espartilho, que lhe caiu aos pés. Quando ficou integralmente nua, sorriu para o jovem guarda com o convite no olhar. Durante o processo, viu-o ficar rosado e engolir em seco. Colocou-lhe uma mão sob o queixo. Com uma sensualidade magnética, conduziu o dedo indicador pelas feições do rapaz, percorreu-lhe os contornos dos olhos, a curva dos lábios, e incitou-o a olhar-lhe para os seios, curvas e sombras púbicas. Marcou o polegar no lábio inferior do rapaz e deixou-o soltar-se, ténue e flácido, enlouquecendo-o, fazendo-o desejá-la. Era uma habilidade arrepiantemente natural. Mordeu o próprio lábio e soltou-lhe o rosto com o esboço de um gemido. Brincar dessa maneira com o rapaz divertia-a por dentro.

Vem, rapaz Hymadher, e faz-me ser tua como da primeira vez, e de todas as outras, quis dizer. Levou a mão esquerda à direita e tateou o anel real. Deslizou o indicador pelos tabiques de ouro que separavam as granadas em volta do unicórnio Ameril e com um gesto frívolo, fechou os dedos sobre o anel, arrancando-o do dedo e atirando-o para o pavimento de mármore, onde ele ficou a rodopiar com um tinido metálico, até parar.

— Agora tu — pediu com determinação. Cladyan pareceu aturdido com aquela ordem. *Não fazes ideia, porém, do que estou a pensar.*

Pingos tamborilavam na pedra. Três guardas desceram vagarosamente os degraus irregulares, feitos da mesma pedra calcária da pirâmide, com os coletes de anéis a chocalharem na noite. Um deles era a própria Hamsha, metida no colete de anéis, lorigão e elmo de Toppe Cladyan.

Deram com um pequeno pátio, onde baldes escoavam a humidade que pingava do tecto. Da lanterna que pendia do gancho de uma parede, jorrava uma luz bolorenta. Dois guardas dormitavam, sentados

TRÊS

Hyldegard

A sobrançeria morre à porta quando somos atirados para o fundo de umas masmorras, pensou Lazard Ezzila, submersa numa escuridão fria e terrível. A rainha estava em pele de galinha. Tinha os pulsos agrilhoados ao tecto, os pés acorrentados e o corpo completamente nu, molestado e túrgido pela crueldade a que fora submetida nos últimos dias. Perdemos o sorriso, a assunção, a sanidade, enquanto os sabotadores da nossa decência vagueiam amavelmente pelas ruas que julgamos nossas, comendo que nem uns porcos e gritando paz e liberdade em nome de um rei blasfemo, numa esteira de lama e podridão.

O plano de Lazard Ezzila em terminar com a perversidade do seu esposo, o lorde camareiro, e recuperar de forma definitiva o Trono do Tigre em nome do seu falecido marido correria como previsto. Aquela dramática situação fazia parte dele, embora nunca tivesse julgado que fosse um percurso tão penoso. *A presciência não é um dom que conheça*, lamentou. Começava, porém, a julgar que a sua estratégia caíra por terra. *Amarion, aquele maldito bastardo...*

A masmorra era um local húmido. As pedras de granito escorriam água e musgo das suas frestas, e por qualquer ordem interna, a rainha de Hyldegard fora colocada numa cela isolada. Uma pilha de palha suja decompunha-se a um canto. As únicas grades que ali se podiam ver eram quatro pequenas hastes de ferro que atravessavam uma janelinha em semicírculo na imponente porta de madeira reforçada a aço.

Quando começou a ouvir o distante chocalhar de chaves, o gargarejar dos guardas embriagados, os soluços e as fungadelas típicas dos selvagens, tentou gritar por socorro, mas nessa tentativa lembrou-se de que já o tinha tentado antes, e que o corpo o renegava. Mal tentava

e levar a voz, a inflamação da garganta arrepanhava-a como uma rédea. Fios de muco pingavam-lhe do nariz para lhe beijarem os lábios e cobri-los como uma película. Tinha os olhos inchados e esbugalhados, os cabelos secos e sujos de estrume, não havia vislumbre de qualquer coroa. Aos pés, jaziam as suas próprias fezes. Moscas gordas eram atraídas para ela como traças pelo calor.

Durante algum tempo reclamou ser tratada com mais respeito, afinal era descendente dos Lazard, fora a esposa de Maskean Olegos, a última rainha de Hyldegard. Aparentemente, os homens que a coagiam apenas zombavam dessa reivindicação. Eram, obviamente, homens que nunca lhe foram gratos, desprovidos de qualquer coisa como a deferência ou o civismo. Eram esbirros de Roddy Ssamuel.

Ezzila não sabia que horas eram, nem se lembrava quanto tempo havia passado desde que fora agarrada e expulsa do Palácio de Alabastro. Meio em delírio, surgia-lhe a visão turva do Trono do Tigre a afastar-se, mas depois voltava a si, para ver aqueles homens sujos a esbofetear-na, a enfiarem-lhe baldes de estrume pela cabeça abaixo, a soltarem palavrões, a apalparem-na e a comentarem entre si o que lhe fariam se tivessem permissão para tal. Ezzila sentia que forjara um vínculo com o inferno, outorgado pelos próprios akhamay, cuja figura de destaque tinha o rosto maléfico do seu não amado esposo.

O som da chave a revolver-se na fechadura ferrugenta deu-lhe um qualquer ânimo para abrir os olhos, ao mesmo tempo que o estômago se revolia na esperança de ter algum alimento que não fosse um rato frito ou um pedaço bolorento de queijo. Quando a porta rangeu para dentro, viu o rosto ossudo de Rott, o carcereiro com olhos de gato assanhado. Tinha o queixo escamado e uma feia cicatriz no pescoço. Atrás dele vinha Tunes Humbe, o guarda de cabelo branco, grande como um urso e coberto por um colete de couro coçado. Relativamente aos que o seguiam, Ezzila tivera dificuldade em perceber os seus nomes. Um era Gregg. *Gregg Hamptop. Ou seria Umtop?* O outro era algo terminado em *ted*. Enquanto o primeiro tinha cara de fuinha, o segundo ostentava uma longa trança negra e um par de olhos viperinos que lhe faziam lembrar um réptil.

Nos últimos dias, eram estes quatro os homens que a mantinham sob estreita vigilância, às ordens de Ssamuel. Acreditava também que o Chefe da Guarda lhes ordenara tudo o resto.

Os joelhos de Ezzila fechavam-se um sobre o outro, mal eles entravam. Era a sua disposição natural, tentando proteger ao máximo a intimidade, embora esse esforço parecesse apenas atrair sobre si mais olhares lascivos e pecaminosos. As mãos da mulher clamavam para lhe proteger os seios, mas os seus pulsos estavam completamente subjulgados por metal. As correntes gemiam, enferrujadas, a cada movimento. Toda ela tremia, por dentro e por fora, roxa de frio, escura de sujidade.

Mal entraram, soltaram uma gargalhada. Antes, todos lhe haviam prestado reverências.

— Olha, olha, quem é ela — soltou Gregg, dissimulado.

— A nossa puta real — rugiu Humbe, com uma voz de barítono. Coçou o queixo distraidamente. — Dormiu bem?

Nos primeiros dias de clausura, Ezzila cuspiu-lhes em cima. Agora sabia que isso de nada lhe valia. Nem sequer tinha mais forças para reagir. Fechou os olhos, mas quando uma mão áspera lhe apalpou o traseiro, voltou de imediato a abri-los. *A mão de Rott*. Já os conhecia pelo toque. Mais uma vez, como todas as outras, lágrimas correram-lhe pelo rosto, enquanto os dedos do carcereiro lhe passavam vagarosamente pela perna, numa lentidão que se assemelhava à descida infernal por uma das Cabeças do Qaos. O rosto de Rott estava encostado ao seu quando apoiou os dedos na sua coxa. Podia sentir o hálito doentio a aguardente forte, que a enojava de tal forma que se sentia pequenina, como uma criança desprotegida que queria chorar.

Os três homens que até ali apenas observavam a cena desapertaram os cintos, enquanto gargarejavam obscenamente. Ezzila fechou novamente os olhos, mas Rott puxou de uma faca e aproximou-a da sua garganta.

— Onde está o teu rei? — perguntou-lhe ao ouvido. — Onde está aquele brutamontes barbudo que se pintava como uma mulher?

Gregg roncou. Era a sua maneira de rir.

— Ouvi dizer que foi levar no cu — disse com um entusiasmo juvenil. Os outros gargalharam em resposta.

— E não voltou, pois não? — Rott fez um beicinho e levou os lábios ao seu ouvido. — Um maldito kaff enrabou-o com uma lança, e agora ele não está aqui para te salvar.

Não, não está. E onde estão vocês? Onde estão vocês, que prometeram salvar-me? Eu disse-vos. Eu disse-vos que viessem... Eu disse... Quando Rott lhe beliscou o botão do mamilo esquerdo, os gracejos acentuaram-se. Mesmo de pálpebras cerradas, percebeu o inchaço que se avolumava nas calças do homem que a coagia, encostado às suas nádegas.

O meu Hzora!

Naquele instante, Ezzila despia-se de si. O seu corpo não era nada, fizessem o que lhe fizessem. O prolongamento de si era o filho. O seu pequeno filho. Só pedia aos deuses que o protegessem, que Riotto Amarion não tivesse a audácia de lhe tocar. Pedia aos deuses que Selenya fizesse o que lhe pedira, na carta que garatujara antes de enfrentar o lorde camareiro na Sala do Trono. No breve espaço de tempo que tivera desde que saíra da Sala da Luz até à críptica confrontação, enviara mensagens a quem sabia que a iria apoiar. A mensagem que deixara a Selenya ordenava que levasse o seu pequeno filho para longe do Palácio de Alabastro, para a protecção de uma mão amiga com indicações para o manter oculto e em segurança. *Teria Amarion descoberto os meus planos? Perdoa-me Hzora, único filho de um Maskean e de uma Lazard. Perdoa-me, meu querido filho, porque falhei.* Rott deu-lhe um puxão violento e descontrolado no mamilo, a líbido a levar por vencida a razão. E então, a rainha não conteve uma rajada de vômito.

Mal sentiu esse impulso, a porta abriu-se com um estampido e os homens viraram-se, já com as calças caídas pelos tornozelos. Instintivamente, os guardas tactearam as armas e enfrentaram a silhueta imponente que por ali irrompia. Maciço como uma porta, paramentado com uma cota de malha cozida a cetim e uma enorme espada de duas mãos a oscilar à cintura, Roddy Ssamuel fitou o cenário com desinteresse aparente. O seu queixo retorcido e olhar gelado

QUATRO

Cordilheiras Bravas

Sombras agonizantes espriavam-se pelo corredor, como longos dedos cinzentos projectados sobre a madeira do soalho. A luz incidia pela janela de fundo, um luar pálido e mortiço que se aplacava no vidro grosso. Ameril Hymadher avançou pé ante pé, silencioso e furtivo por entre os painéis lacados de madeira que forravam as paredes. O soalho deteriorado respondia aos seus passos com rangidos ásperos. Demorou-se diante de uma porta fechada, um rectângulo de madeira velha e retorcida, que embora fosse castanha lhe parecia negra na noite escura. *É aqui que planeias a minha morte?*, pensou.

Avançou três passos até à porta seguinte, e baixou-se para deixar um bilhete, um cilindro de pergaminho enrolado, pela fresta sob a porta. Bateu com o nó dos dedos e foi-se embora.

Ouviu Thamm Tolley a bater-lhe à porta, meio despenteado e a compor o colete em pele de marta sobre as calças velhas de raposa. Tinha ar de quem fora acordado sem sobreaviso.

— Senhor?

— Entra — respondeu-lhe com uma voz fria.

Com olho crítico, o lanceiro pareceu perscrutar a câmara minimalista do rei e encontrou-o à varanda, a passar pela espada uma tira de pele embebida em cera de lã. Dali, viu-o a encostar a porta com um empurrão.

Hymadher experimentou algo que roçava o orgulho quando o avaliou. A barba, de um louro escuro, crescia-lhe por baixo do queixo, e o cabelo caía-lhe em tufos sobre as orelhas. As poças escuras e inocentes que eram os seus olhos pareciam tão profundas que poderia afogar-se ali mesmo. Tolley havia completado dezanove anos naquela Primavera, mas parecia mais próximo dos trinta.

— Mandou chamar, senhor?

— Aggert tem de ser morto. Como vamos fazê-lo?

Viu o lanceiro a pestanejar, com uma expressão confusa no rosto. Sentiu o ar frio da noite a estremecer-lhe a túnica, a aragem da aldeia a guinchar como demónios. Fechou a portada da varanda, colocou a Venerável Syspren sobre o sobrado de madeira e aproximou-se do lanceiro com falsa tranquilidade.

— Matar Aggert, senhor?

— É o que tem de ser feito — disse enquanto se dobrava para apagar uma das várias velas que enchiam o quarto com o forte odor de cera a derreter. Vindo de um reluzente braseiro de latão ao lado da cama, um fumo de incenso carregava o ar. — Senta-te, Tolley.

— Descobriu algo que não nos tenha transmitido? — perguntou, enquanto se sentava num tamborete ao lado do roupeiro de cedro.

— Descobri que Mendez foi um títere nas mãos dele. Aggert cagou no nome da minha casa, renunciou a toda e qualquer ligação ao Unicórnio. Se ele aceitou esta empresa, imaginas a maquia que faria envergonhar o orgulho de um homem destes?

Tolley franziu a testa.

— Aggert teria acesso à recompensa mesmo se não comparecesse, — concluiu por si mesmo — uma vez que a maior parte dos homens são dele e a remuneração só será entregue se regressarem vivos a Welçantiah.

Hymadher endireitou o tronco, sombrio.

— Precisamente.

— Isso significa que alguém lhe prometeu uma quantia ainda maior... para que o matasse?

— Não me parece que fosse só a mim. Vi-o a conspirar com Mendez. Vi o rum que ele me ofereceu. Vi Ponce Ayllon a morrer quando sobrevivera à escaramuça com os homens de Jacoh. Ele pretende eliminar-vos, um a um, para me deixar vulnerável.

Sentiu a dúvida a instalar-se em Tolley quando este desviou o rosto para o baú ao fundo da cama.

— Isto parece-me rebuscado, senhor.

— Wilfred-Hunther alertou-me, antes de eu abandonar Welçantiah, que Hamsha preparava-se para me matar, que um dos homens que viajavam comigo teria recebido instruções explícitas para acabar comigo. Sabes, isso não me surpreendeu. Estou habituado a estar rodeado de conspiradores. Todos querem poder, e quem detém o poder sou eu. Enquanto Aggert estiver entre nós, não teremos um segundo de sossego. Acaba com ele, Tolley. Acaba com ele esta noite.

Com uma expressão pálida, Tolley encolheu-se. Os seus olhos piscaram como os olhos de um menino assustado.

— Não o farei, senhor. Se o fizer, serei igual a Aggert, a Mendez, mesmo estando a agir como sempre o fiz, para a protecção do senhor meu rei.

— O quê?

Tolley não cedeu. Ergueu-se, fazendo o tamborete tombar a seu lado.

— Perdoe-me a petulância, execute-me por ela, mas o senhor está a ser tão covarde agora, como foi quando fugiu de Welçantiah. Não assassinarei Aggert pelas costas, nem enquanto estiver a dormir. Não farei o seu trabalho sujo. Não assassinarei Aggert sem uma confissão ou sem uma prova de culpa. — Hymadher manteve o olhar siderado em Tolley. — Executarei Aggert, se for a sua ordem, à luz do dia, com a certeza de que ele é um traidor, diante de si e dos deuses. Suponho que as minhas palavras nada signifiquem para si, mas jurei proteger o meu rei até à morte, e é isso que farei se assim mo for permitido, protegê-lo-ei de tudo e de todos, até de si mesmo.

Como te atreves?, perguntou-se o rei. Com um rasgo de fúria, pegou no assustado lanceiro pelos colarinhos, encostou-o contra roupeiro e desferiu-lhe um murro no nariz. Quando o soltou, viu-o a cair com os olhos fechados. Uma linha de sangue escorreu-lhe até à boca e levou as costas da mão para impedir que ele lhe contornasse os lábios. Viu o lanceiro com os olhos a brilhar e lágrimas a picar-lhe as maçãs do rosto.

— Vai punir-me... senhor?

— Por me chamares covarde? Já matei homens por menos. Mas nenhum deles era meu amigo. E tu acabaste de demonstrar que o és

— confessou. *Um amigo mais verdadeiro do que eu alguma vez fui para ti.* — Agora vai. Tratarei pessoalmente de Aggert.

A amizade guerreou com a ira na mente do rei. A lealdade de Tolley não podia ser posta em causa, mas durante os momentos em que o lanceiro se manteve no interior daquele quarto, sentiu-o a debater-se com palavras que não verbalizou. Sentiu que não merecia nem a dedicação nem a amizade do rapaz, e envergonhou-se daquilo que lhe pedira. Virou-se para lhe falar quando ouviu o som da porta a fechar. Não havia mais ninguém naquele quarto para além dele e dos seus fantasmas.

Deitou-se, mas não conseguiu dormir. Pairava no ar um cheiro bafiento dos lençóis que o cobriam, da ausência de uma mão mais activa na manutenção daquele quarto. Um facho de luz irrompeu pelas frinchas da porta, ao mesmo tempo que, meio aos tropeções, um habitante mais noctívago soltava gargalhadas e palavrões pelo corredor. A luz que o acompanhava foi desaparecendo gradualmente à medida que se afastava, mas foi o suficiente para Hymadher recolocar-se de pé. Dirigiu-se à janela e voltou a abri-la. A deslocação de ar fê-lo soltar um espirro. Quase preferia a sempre severa sombra dos contrafortes imponentes de Welçantiah, onde traidores apunhalavam reis, à penumbra que abarcava aquele lúgubre povoado de pedras e lama e colmo.

O dia nascera, num austero tom plúmbleo que pouco mitigava as dores da noite. Nos telhados de quatro águas, tordos-de-riacho e pequenos pombos digladiavam-se pelas migalhas de pão que ali eram deixadas pelos habitantes da povoação. As casas eram disformes e as suas paredes uma vergonha erodida pelo tempo. Amontoavam-se umas sobre as outras, construções instáveis que pareciam brotar dos locais menos prováveis. As ruas eram iluminadas por fachos de luz anexas à própria anatomia exterior dos edifícios, pares de tochas colocadas em arandelas de ferro. Mesmo assim, as ruas eram feias e sujas e fediam a merda e a entulho.

A humidade descia por todas as paredes, os interiores eram frios, os lenhos nas lareiras húmidos e verdes que chiavam mais do

CINCO

Hyldegard

Lazard Ezzila não via as lonas dos toldos a baterem com força nas fachadas, o fumo que trazia o cheiro a madeira pintada, a névoa desidratada que sublevava as entranhas da cidade. Faíscas a voar de martelos sob os fogos das forjas. Sonhara. Sonhara com tudo isso. Um sonho tão palpável que lhe pareceu insanamente real. Acordou deitada numa cama mole e fofa, com o zumbir vertiginoso do vento a reboar aos seus ouvidos. Quando abriu os olhos, as paredes pareceram cair sobre si, o mundo numa roda-viva em direcção ao nadir. Quando os voltou a fechar, tudo lhe pareceu mais tranquilo. A língua encontrara cama onde lhe faltava um dente. Tornara-se imperativo coçar a gengiva ferida com ela.

— Acordou? — A voz fê-la levantar lentamente as pálpebras, o mundo a equilibrar-se num trapézio.

Tyttertop assomou à periferia da sua visão. Acabado de entrar no quarto, deixou rapidamente os panos molhados que trouxera sobre a cabeceira da cama. Levou-lhe a mão à testa, para medir-lhe a temperatura.

— Alteza...

Ezzila baixou o olhar para si mesma e estudou-se com uma esperança vaga. Coberta até ao pescoço, estava bem mais limpa e cheirosa do que da última vez em que se fitara. *Estarei eu a delirar?*

— Tyttertop, és mesmo tu?

— Sou eu, minha senhora...

Isso significava que o seu plano dera certo. *Eles vieram salvar-me.* Os longos cabelos púrpura de Mysee Tyttertop caíam-lhe para o rosto, ocultando-lhe parte das feições. Uma preocupação bem mais mundana cingiu-lhe o espírito.

— Foste tu que me deste banho?

O mosqueteiro não ocultou um certo constrangimento e as maçãs do rosto pareceram ruborizar-se. Contemplou-a com uma afeição le-tárgica, mas ela gostou do seu embaraço. *Não sei bem porquê.*

— Tomei essa liberdade, minha senhora — balbuciou. — Selenya ajudou-me.

— Selenya!

A expressão de Ezzila rejuvenesceu dez anos. As indicações que dera à jovem aia eram tudo o que mais lhe importava. Se ela tivesse sido bem-sucedida, então Riotto Amarion estava bem perto de desabar do Trono do Tigre. Ergueu-se de um salto, registando a sua nudez, e deixou que Tyttertóp lhe fizesse cair um roupão de cetim dourado sobre os ombros.

— Onde está Selenya?

— Na cozinha, mas...

A rainha não ouviu mais nada. Caminhou descalça sobre a lã que cobria o pavimento, cruzou um corredor e seguiu o som das vozes até chegar à cozinha fria e fumarenta, onde cordas de salpicões orna-vam a chaminé enegrecida da velha lareira. Cerca de vinte homens, todos eles feições belicosas e trajados de couro e malha, discutiam ruidosamente, voltados para o homem roliço de cabelo branco que se apoiava à consola da lareira junto ao expositor de flechas. As suas bochechas desmaiadas estavam arrumadas sob uma suave sombra de barba branca e o avental que envergava estava manchado de fu-ligem, mas Ezzila soube de imediato que aquele homem era Lee Peet, o fabricante de flechas.

Ele... O coração no seu peito quase solapou. Quando voltou o rosto, percebeu que todos os outros eram homens seus, leais ao nome Lazard. Percebeu também que o assunto em debate era o seu futuro.

— Ela tem de voltar para o Trono.

— Raptemos Amarion.

— Matemo-lo — insistiam Waddant, Joddy e Aymer, entre outros.

Reconheceu o rosto pueril de Selenya, quase esmagada entre homens maciços. Depois, sentiu a mão quente de Tyttertóp a tocar-lhe no ombro descoberto.

— Senhora!

E foi então que os presentes voltaram os olhos para si, faces cheias de sombras, olhares carregados de orgulho e também de culpa. Lee Peet suspirou, os olhos fundos a reverenciarem-na embora também eles transpirassem profunda preocupação e cisma. A rainha deu um passo em diante, vendo a luz do exterior a iluminá-la como uma deusa através da janela ocidental.

— Minha senhora! — Os olhos de Selenya cintilaram, cheios de alegria e esperança.

— Devo esperar que decidam as minhas próprias acções enquanto convalesço numa cama perfumada? Julgais vós que não estou em condições para decidir o melhor para Hyldegard?

As mãos calejadas de Peet providenciaram uma cadeira para que ela se sentasse, mas Ezzila fingiu ignorar a oferta. Caminhou em direcção à mesa, onde faltava um quarto a uma roda de queijo velho. Pegou na faca estendida na extremidade do prato e sentiu os dedos a tremular. Sabia que ainda estava fraca e que não iria recuperar num só dia os danos de que fora vítima nos últimos quatro. Com ambas as mãos, cravou a faca no âmago do queijo, assinalando a sua posição dominadora.

Os seus olhos frios varreram a divisão.

— Meus senhores, permaneçam nos vossos lugares e poupem-se a cortesias. Digam-me, o que raio aconteceu para que tenham demorado tanto a resgatar-me?

— O lorde camareiro é astuto — respondeu a voz cansada de Peet atrás de si.

Atirou o olhar por cima de um ombro, para ver os pêlos brancos a espetarem-se-lhe em ambos os braços enquanto a estudava.

— Foi levada para um piso inferior nas masmorras, Alteza. As celas da tortura. Só os homens de Humbe são autorizados a entrar, e digamos que Ssamuel ajudou a reforçar a vigilância do local. Um elemento da nova divisão da guarda, a polícia privada de Amarion, foi destacado como sentinela.

Ezzila ergueu o sobrolho, quando a voz do possante Kyreen Waddant fez voltar a cabeça para a frente.

SEIS

Atalaia Cruú, Cordilheiras Bravas

O fogo ardia no interior do braseiro quando Hymadher regressou ao fim do dia à casa que alojava os Scrimley e se sentou contra uma parede. Aggert decidira acompanhá-lo como uma sombra. O velho guerreiro acorrou-se à frente do lume e retirou a pesada cota de malha e manto, pondo a descoberto as retorcidas cicatrizes brancas do tronco musculado. Começou a espalhar polimento sobre a velha armadura que lhe repousava sobre as pernas. Em cima de uma mesa em carvalho nobre, ficava a ceia dos Scrimley.

— Como está o pai? — perguntou Elani, enquanto bebia um pouco de chá.

Marthyna esboçou um sorriso confiante.

— Melhor... A febre baixou.

Quando Zepell Elwy regressou com as mezinhas que lhe tinham pedido, Hymadher pôde experimentar a sensação de calor e de conforto que a casa lhe transmitia. Viu o rapaz depositar tudo em cima de um aparador. O cabelo rapado dos lados refulgia com a chama do brasido, e as cenas de caça gravadas na cabeça pareciam dançar.

— Eu acho que está tudo. Não falta nada...

Hertha aproximou-se do rapaz e ergueu a cabeça; Elwy era duas cabeças mais alto que ela. Hymadher estudou a cena depois de remover o manto de lã e ficar em tronco nu.

— Elwy, meu rapaz... — A mulher tinha a gratidão talhada no rosto. — Em nome da minha família, agradeço-lhe por nos deixar ficar aqui, na terra que o viu nascer. O meu Tanjow, se estivesse vivo, faria tudo para o recompensar. Presumo que não seja fácil para vocês terem de lidar connosco, ter mais bocas para alimentar... Mas acredite, vamos trabalhar para pagar tudo. Eu juro-o.

Baixou a cabeça, servil, e o rapaz colocou-lhe uma mão sobre o ombro.

— Não pense nisso agora. O Chefe Hogan é um homem justo. Já sabe que Sua Alteza Lorde Hymadher está convosco, por isso não terão de se preocupar com a vossa estadia. No que depender de mim, poderão ficar e usar tudo o que estiver ao vosso alcance nesta humilde povoação, o tempo que Sua Alteza determinar.

Hymadher assentiu-lhe com a cabeça em sinal de agradecimento. A mulher cingiu a sua farpela de couro com um abraço caloroso que fez Zepell Elwy corar.

Com algum embaraço no andar, Imonia deslocou-se para junto do catre onde o velho Scrimley Larny se encontrava estirado com os olhos fechados. Os cuidados que lhe eram prestados devolviam-lhe as cores há muito perdidas, os traços definidos emanavam vida, os ombros maciços voltavam a lembrar o grande guerreiro que fora outrora.

O sono era tranquilo.

— Queira Aacz que amanhã ele acorde — sussurrou a idosa.

O silêncio carregava a sala, odores pesados montavam o ar. Sentado junto à porta e preso por correntes, estava o sardento Benn. Calttor deixara-o sob a vigia do jovem Uw-Abblard, cujos olhos, negros como carvão, fuzilavam os meio-curvados, Benn e mesmo Hymadher, como se todos lhe estivessem em dívida. Sentado no chão, violava ocasionalmente o silêncio com um chiado agudo, ao lamber o pavimento de pedra com um punhal.

A ausência de outros sons foi interrompida quando Calttor regressou do exterior com Jagge Walton e Unverwoemen Cally, dois jovens de Duas Moitas que haviam sobrevivido ao despique contra os traidores partidários de Jacoh.

— Acabámos de alimentar os porcos. Hoje o dia foi comprido — confessou Calttor antes de remover a capa desbotada.

Eram tantos os que ali se aglomeravam que Hymadher depressa percebeu que o espaço, apesar de amplo, tornava-se pequeno para todos, e que os Scrimley já não precisavam de protecção. Chegava a hora de mandar os restantes para a estalagem, onde Kermil e Tolley

SETE

Muros de tijolos cediam, vigas de apoio desabavam, telhados de xisto ruíam sob um céu fumarento. Um céu de fumo negro. Um crocitar inquietante a fazer explodir-lhe o cérebro pelos ouvidos. Elani acordou com o coração a pular no peito. *Foi só um pesadelo*, disse a si própria.

A noite soprava o vento por entre as ruas sombreadas de Atalaia Cruï. Precisava de abraçar Aggert. Não conseguiria voltar a dormir sem o seu abraço. Sem o seu afecto. Aproximou-se furtivamente dele. Estava sentado de frente para o braseiro, com um rabo-de-cavalo encanecido a pender por cima de um ombro. Podia ver-lhe as costas nuas cobertas por cicatrizes, cujas saliências longas e retorcidas passou com um dedo. Ao seu toque, o guerreiro assustou-se e soltou um esgar surpreso, refreado pelo receio de acordar a família adormecida. Aggert girou a cabeça e pegou a jovem pela cintura. Sentou-a na sua perna com uma risada. O homem sentou-a na sua perna com uma risada.

— Já te passou a birra?

A rapariga via o fogo a reflectir-se-lhe na barba grisalha e nos olhos velhos e escuros, como o reflexo das doces memórias de um passado feliz.

— Já — assumiu. — Conquanto pares de me tratar como uma criança e me vejas como uma mulher.

O veterano levou os braços ao ar.

— Como a minha senhora quiser.

— És o meu herói, Aggert. — O guerreiro desvalorizou aquilo com uma fungadela e a jovem fez deslizar os dedos do seu ombro até à placa de metal que lhe ocultava a cicatriz no rosto. — Conta-me, como fizeste isto?

Monroy Aggert suspirou prolongadamente.

— Segundo Hernandez, o Cantador, enfrentei um nebuloso feérico e escapei por um triz... Segundo Cory John, da Taberna do Cory, caí numa Cabeça do Qaos e regresssei para vos comer a todos.

Com um rugido, lançou-se sobre ela e encheu-a de cócegas, fazendo-lhe doer a barriga de tanto rir. Hertha lançou-lhes um olhar pejorativo. Quando se silenciou, levou os lábios aos ouvidos do guerreiro.

— Faz amor comigo esta noite, Aggert.

Ele atirou-a para o lado, ela caiu sem preparo e com um grito. Vários foram os que se ergueram dos seus estados de sonolência, assustados. Aggert tinha os ombros e o peito a oscilar quando pegou na espada e no manto e saiu porta fora.

Os ânimos sossegaram, quer nos quartos da habitação, quer nas enxergas de palha da sala comum, quer somente encostados às paredes frias sob grossos cobertores. Elani não conseguia voltar a dormir.

Envolveu-se numa pele de urso, acendeu uma tocha e saiu para a noite gélida. O frio pô-la em pele de galinha. Vislumbrou a lua tímida, o fumo das chaminés apagadas a dissipar-se nos céus, as casas de pedra que se desdobravam e serpenteavam povoado fora. Dos seus lábios esguios, brotou um leve farrapo de vapor. Os seus olhos cintilantes procuravam o homem que amava, o homem que a parecia ver apenas como uma criança. Andou em círculos por Atalaia Cruï, desgobernada, até sentir os pés completamente humedecidos pela lama.

Arrastou-se aos tropeções quando recomeçou a chover. A maioria das velas estavam iluminadas por archotes presos em dedos de ferro enegrecido. Percebeu que estava perdida, quando deixou de procurar Aggert e tentou, desesperadamente, reencontrar o caminho de regresso. Encontrou abrigo junto a um curral onde porcos roncavam na lama e encostou-se a uma pilha de lenha, abrigada da chuva por um tejadilho de madeira. O som da chuva vergava o resguardo com um impacto assustador, ameaçando vergá-lo.

Envolveu-se nos próprios braços e chorou, em parte por medo, em parte pela falta de um abraço protector, em parte por se sentir perdida,

mas principalmente porque a culpa daquilo era de Aggert. Ele era o culpado por todas as suas decepções. Saltou quando uma mão se lhe fechou em volta de um ombro. O guerreiro parecia um urso debaixo do manto, tinha o rosto de um patife e o hálito de um carnicheiro. Era um homem feio. O seu homem. *Por que raios me refutas tu?*

— Tu?

O rosto podia ser terrível, mas o sorriso aqueceu-lhe a alma de um modo que todo o desânimo desapareceu como por magia. Antes de se conseguir mexer, viu-o a sentar-se a seu lado.

— Porquê?

O sorriso no rosto dele eclipsou-se, mas continuava a ser o Aggert que a embalara em criança, e não o homem que a renegava como mulher. *Porque eu sou uma mulher, não vês? Estúpido...*

— Quem és tu, Aggert? — perguntou.

Lágrimas pingaram-lhe quentes sobre as maçãs do rosto. Queria aliviar a sua dor. Queria sentir que aquele homem era o mesmo com quem sonhara noites a fio. Queria tê-lo nos seus braços.

— Eu — respondeu secamente — sou o teu pai. É por isso que não podes ter nada comigo, miúda. Eu sou o teu pai. O teu pai de sangue.

Elani ignorou a revelação como se enxotasse uma mosca. Ele estava a mentir. *Mas porquê?*

— Fala a sério.

— Eu estou a falar a sério.

Não, não estás. Três segundos chegaram para dar-se conta do que aquilo implicava. Toda ela tremeu. Sem outra reacção possível, atirou-se para o ventre do dilúvio, com as bâtegas de chuva a mesclarem-se com as lágrimas e a ensoparem-lhe a pele que a cobria, que ficou pesada com o fardo da água.

Seis homens da guarda local saíam de um edifício mundano; fitaram-na com desinteresse. Tinham rostos escarninhos e ossudos. Sidh, *o Ignóbil*, fumava um charuto grosso e castanho. Uma sexagenária, coberta por uma longa capa carmin, estava abraçada à sua cintura com ar lúbrico. Os cabelos brancos caíam-lhe para o rosto quando abriu um sorriso desdentado.

Aggert alcançou-a alguns quarteirões à frente e conduziu-a por um braço até à porta da casa que albergava a sua família. Os dedos do homem crisparam-se-lhe no braço com mais força. Apostava que iria ficar bem vermelho. Elani esbracejou.

— Larga-me, seu monstro mentiroso. Larga-me. Porque é que inventas mentiras? O meu pai é Larny. Porque é que não confessas que inventaste esta mentira porque não me desejas? Porquê?

A jovem estava encharcada, a voz roufenha, as maçãs do rosto vermelhas, a expressão ofendida a hostilizá-lo.

— Não compreendes, eu sei. Mas o que disse é a verdade, acredites ou não. — A sua expressão férrea amenizou Elani. Soltou-a. — Sei que nunca me perdoarás, mas eu não tinha ninguém. Eu matei Yatã, a mulher que amava. E matei-a. Ele roubou-ma. O meu irmão de armas roubou-ma, e eu matei-a.

As lágrimas fizeram Elani fechar os olhos e tapar os ouvidos com as mãos abertas. Nada daquilo fazia sentido.

— Não quero ouvir...

— Violei-a antes de a matar. Violei-a. Sim, tens razão. Sou um monstro.

A voz vacilou, a chuva pareceu amansar.

— Mataste... a minha mãe?

Aggert sacudiu a cabeça em resposta.

— Não... Não... A tua mãe veio depois, ela não era a tua mãe. Yatã era uma escrava. Uma escrava que amei. Os deuses castigaram-me por isso. Era só uma escrava. Uma escrava que encontrei na cama com aquele que, para mim, era mais que um irmão. A tua mãe não era uma escrava. A tua mãe não, miúda. Eu nunca faria mal à tua mãe. A tua mãe de sangue era a protegida do rei Ozilliar. — Os olhos de Elani ampliaram-se, à medida que Aggert falava mais alto, quase a gritar. *Que estás tu a dizer, cobarde mentiroso?* — O seu nome era Mayra. Sempre a defendi como se de uma verdadeira princesa se tratasse. Era a minha menina. Via-a como te vejo a ti, Elani. Como uma menina frágil que deve ser protegida das mãos de homens vis. — A jovem fechou os olhos, não queria ouvir, mas em simultâneo queria. Aggert avançava para

OITO

Hyldegard

Minha alma gémea.

O austero focinho do tigre-dentes-de-sabre abriu-se num rugido que derramava esperança e alegria. Skygga ergueu-se no interior da jaula, como um rei há muito caído reerguendo-se da tumba. À luz tímida das tochas erguidas, o pêlo espetado brilhava estonteantemente, e todo o seu esplendor lembrava aos trémulos olhares dos homens que o lugar daquele animal nunca seria numa jaula, mas sim num trono. O trono que Reik III I desenhou no ano de 543, tornando o tigre-dentes-de-sabre o emblema maior de Hyldegard.

— Minha querida...

Quando Lazard Ezzila pôs os olhos sobre a sua fiel Skygga, foi como se um rasgo de nova vontade a percorresse da cabeça aos pés. *Foi para isto que eu voltei, para recuperar aquilo que é meu. E tu, meu amor, és o símbolo do meu regresso.*

A tigre-dentes-de-sabre saltou para o solo húmido, caminhando para a rainha com o pêlo alaranjado a ondular no dorso. Os seus olhos grandes e expressivos fecharam-se quando a rainha lhe afagou a cabeça junto ao cachaço. Qual rei diante dos seus muitos súbditos, Skygga imperava ao centro daquele ror de jaulas. Rosnando delirantemente do interior das jaulas, todos os tigres-dentes-de-sabre pareceram aclamá-la numa estrondosa cacofonia.

Em breve chegará o dia em que todos os tigres serão livres, e em que eles reinarão sobre Hyldegard. Que o sonho dos Reik se materialize em glória.

— Ahrrgh! — exclamou um dos guardas que vigiavam as jaulas, imobilizado pelos braços de Lee Aymer. Os olhos castanhos do homem neutralizado piscavam.

— Vamos! Não há tempo a perder — grunhiu Kyreen Waddant, com os dentes a iluminarem-se sob uma grande nuvem de barba escura. Envergava uma cota de malha sobre os ombros, o cabelo longo e solto sobre ela, o olhar senhorial a dobrar-se sobre a Rainha.

Homens carregados de lealdade, seduzidos pelo cheiro da esperança, pensou Ezzila. Lançou uma bênção silenciosa aos tigres que ali ficavam, rosnando para si, e esse olhar piedoso perdeu-se quando a última tocha foi apagada. Woolard Joddeytop ergueu o arcabuz à ombreira da porta quando Ezzila, Skygga e os seus leais seguidores regressaram para o exterior. Uma sequência de cinco guardas permanecia ajoelhada no chão com as mãos atrás das cabeças, como uma fila pronta para a execução. Joddy assentiu com a cabeça, indicando que o caminho estava livre. Quando deram dois passos no exterior, porém, algo correu terrivelmente mal.

— Alto — grunhiu uma voz áspera, por trás de um arbusto.

— Corram — trovejou Waddant, lançando Aymer, Ezzila e a sua Skygga numa longa corrida por um corredor entre arbustos esculpidos a leste do edifício.

Isto não está bem... Foi demasiado fácil... Amarion...

Quando Joddy disparou um tiro para o ar, chegaram a uma praceta nas traseiras da Casa da Guarda, uma pinha de pombos desapareceu em pânico, e aí tudo piorou. Uma colmeia de guardas saiu do nada, descendo um enorme lance de degraus com a força de uma cascata. Waddant gritou.

— Para ali, para ali — grunhiu, lançando-se para a direita. O homem que vinha atrás de si, porém, ficou pelo caminho quando um tiro se fez ouvir e a cabeça explodiu num guisado de miolos. *Haven Cramboll*, soube Ezzila, um fiel armeiro de ofício. Não podiam olhar para trás. Mas quando o caminho à direita também foi fechado por uma ferradura de guardas, Ezzila e os seguidores voltaram-se, para ver Woolard Joddeytop, o seu marinheiro, o seu Joddy, com o arcabuz erguido. A poeira cercava-o num halo luminoso, o rosto manchado pelo tormento negro que ali respingara. O fedor a fumo tomava o ar, denso como algodão. O arcabuz fumegava.

Fora Joddy quem matara Cramboll. *Joddy*.

— Seu canalha, filho da mãe! — vociferou Waddant, lançando-se contra Joddeytop, mas o estímulo foi mitigado quando, de entre os guardas, surgiu um homem de negro, com um revólver apontado à sua cabeça.

— Lazard Ezzila, minha senhora, queira poupar os seus fiéis seguidores a um massacre, e queira acompanhar-nos. — A voz cortava como lâminas.

Assustada por dentro, Ezzila soltou uma gargalhada galopante.

— Acha que eu acredito mesmo que poupará os meus homens se eu me render? — Ezzila não conseguia ver o rosto do Blaa'ntai, mas adivinhou o seu sorriso mordaz.

— Vê alguma alternativa?

Não, soube por fim.

— Eu vejo! — exclamou uma voz antiga e triunfal, do cimo da escadaria. Uma voz que lhe era familiar.

Sentyr, o arlequim, com a sua expressão velha e curvada, assomou à boca da escadaria, soberbo com uma armadura prateada, o rosto pintado, o barrete de guizos à cabeça e uma espada em punho. Os velhos guardas da Sociedade Sem Voz flanqueavam-no. E ali estavam também os rostos de Tytterttop e de muitos populares, de tochas e espadas em punho, mas também fiéis e marcos da Mansão. Como uma salva de prata a derreter-se, o filão de reforços soçobrou sobre os oficiais hyldegardianos e uma contenda formou-se. O vento sacudiu o cabelo de Ezzila enquanto esta tentava libertar-se das mãos que a subjugavam.

Meu Deus, saírei viva disto?

Guardas e mais guardas caíram em cima dela, a turba a defendê-la como podia, uma escaramuça terrível numa praceta escorregadia de caca de pombo, respingada de sangue e entranhas. Ezzila gravou a cena na mente. Espirros de sangue a mancharem a calçada, os olhos de Skygga a piscarem quando um jorro a atingiu no focinho. Corpos mortos, estirados na praceta. Viu Joddy a lutar pela guarda da cidade, o arcabuz a massacrar Skytt John e Gambon Excemble, leais seguidores

da rainha. Huddletop Caryl também pereceu, esventrado pelo Blaa'ntai ali presente, que aparentemente dispensara o revólver. Skygga rugiu e saltou sobre guardas. Abocanhou a cabeça de um com uma ferocidade digna de um retrato a óleo, e sangue respingou do pescoço do indivíduo quando a cabeça se separou do corpo. Espadas batiam contra espadas, vibrantes, numa noite fria que sentenciava a morte. A canção da espada fazia-se sentir com um estridular cortante. Um embate que prometia ficar para a eternidade. Uma revoada sem fim.

O vil Blaang'tai ganhou terreno. A sua longa espada negra esquarterjava corpos de partidários da rainha, enquanto o olhar dentro do elmo disparava rajadas de ódio na sua direcção. Tinha fogo nos olhos.

Mortífero, saltou sobre Waddant de um jeito flagrante. O impo-nente súbdito da rainha protegeu-se de uma espadeirada ao rebolar para o lado, a poeira a cobri-los como um xaile branco. Lazard Ezzila sentia o pó a formigar-lhe a vista, os tornozelos a torcerem-se no solo, os pulsos a arderem-lhe da força que era exercida sobre eles. E então percebeu que perdera de vista a tigre-dentes-de-sabre.

— Skygga — gritou, mas não pareceu ser ouvida.

Populares vestidos de linho e couro crivavam tochas em fúria sobre os capacetes da guarda da cidade. A baixa de Hyldegard fora completamente violada por uma batalha campal entre os adeptos de Riotto Amarion e os admiradores de Lazard Ezzila. A cidade ardia em chamas.

Como fui tão tola?

Aquela emboscada era previsível. A prisão dos tigres-dentes-de-sabre era um anexo da própria Casa da Guarda e tornava-se óbvio que aquele era um local a ser procurado pela rainha, se queria reaver a sua Skygga. Mais do que um animal de estimação, era parte de si mesma. Imprevisível era a traição de Joddy. *Quantos mais traidores terei de enfrentar?*

Tiros fizeram-se ouvir. Ezzila foi pisada, tropeçou e durante alguns momentos não conseguiu ver nada, os pulsos e os tornozelos doíam-lhe, as palmas das mãos ardiam-lhe, arranhadas pelas múltiplas quedas. Mergulhou na lama, na arremetida cruel do turbilhão

sobrepujante da população contra a apatia inquietante do solo. Quando a poeira e o fumo se dissiparam da sua linha de visão, sentou-se para ver pernas e mais pernas, gritos e mais gritos, mãos a caírem sobre si, algumas para a erguerem, outras para a atacarem. Lazard Ezzila não conseguia distinguir quem era quem. Atirou a cabeça para trás e gritou para os céus, um grito descomunal, um rugido de tigre. Naquele momento, se os ruídos de batalha se tivessem desligado por magia, o seu grito ricochetearia pelos céus e talvez chegasse até ao imemorial Palácio de Alabastro, onde os Homens Demónio assentaram a primeira pedra ao mundo civilizado.

Muitos podiam não ter ouvido o seu grito, mas Skygga ouviu, pois escutou um rugido distante dar-lhe resposta. Quando uma mão possante lhe pegou pelo braço, Ezzila fechou e voltou a abrir as pálpebras. Era Waddant, com uma grande ferida num ombro, a barba salpicada de sangue e os olhos afundados em rugas. A orelha esquerda tinha sido arrancada, arrebatando consigo um pedaço de cabelo e pele sangrenta. O antigo mestre de campo do exército permanecia resoluto, porém, na sua tarefa de a tirar dali.

Chamas grassavam pelos telhados de colmo, lambendo as fachadas de estuque. Os plebeus rompiam as defesas organizadas dos guardas, num turbilhão emocionante de gritaria, ferro contra ferro e esguichos de sangue.

Quando um guarda da cidade lhe deu um puxão no ombro, uma espada cruenta cortou-lhe o membro pelo antebraço. A mão em cota de malha desprendeceu-se do ombro de Ezzila, caindo no nada com as veias penduradas. A cara de horror do guarda chocou-a realmente, mas o homem que a salvara não parecia perturbado. Lee Aymer estava crispado, endurecido numa expressão de guerreiro invencível, capaz de passar por todo e qualquer adversário para proteger a sua rainha. Depois do braço, foi a vez de separar, num só golpe, parte da cabeça ao corpo do guarda em sofrimento, num golpe limpo. Volveu para a direita e continuou a defender e a atacar, esquivando-se e bloqueando golpes. Sussurros mudos de gargantas cheias enchiam-lhe os ouvidos, soando-lhe ao arrulhar de pombos.

NOVE

Welçantiah

As gárgulas brilhavam sob o céu estrelado.

Hamsha estava cansada de mais um dia torturada por dúvidas, por cerimónias inúteis e por falsas promessas. Questionava-se porque deixara de sangrar, se não poderia conceber, já que era ainda demasiado jovem para parar de menstruar. Procurava respostas nos lugares-comuns do seu passado, *infrutiferamente*.

Palavras eram gravadas na pedra em sua honra. A Rainha Escrava, chamavam-lhe muitos; outros menosprezavam-na em círculos fechados, apelidando-a de A Infértil, nada que não lhe chegasse aos ouvidos, embora de todos os epítetos corrosivos de que era vítima preferisse o cognome A Sonâmbula. Famosa era já a tendência que revelara em passear-se pelos corredores durante a noite, sob as tochas quentes do palácio. O poeta Hank Ramirez dedicara-lhe o prefácio da sua última obra sobre a glória de Welçantiah.

A Mulher Quente, Filha da Estrela, Lúbrica Rainha de Obsoleto Útero, Nasceu Para Ser Deificada Sob o Costume Pagão, Mas Tornou-Se Divindade do Novo Panteão. Viva A Sonâmbula, Noctívaga Rainha da Espada Rubi.

O poeta arriscara a cabeça com tais palavras, pois as palavras lúbrica, pagão e obsoleto útero poderiam ter caído mal à nova rainha, mas o artista tinha influência no Conselho e Hamsha não tinha vontade de desperdiçar mais aparas de tempo com frivolidades. Outras eram as palavras que lhe tamborilavam na mente: *Conspirou e influenciou Hymadher. Wilfred-Hunther queria oferecer Welçantiah*

a Somoros, dissera-lhe Fel Manny. Mantenha-me e a Dane como seus braços, pelo menos por enquanto, segredara-lhe Mool. Se você sabe isso tudo, porque não me afastou deste cargo?, perguntara-lhe Dane. Se quer saber o que tanto tem ocupado Vax Mohill, vá aos seus aposentos, e veja com os seus próprios olhos.

A labareda apagara-se, deixando plumas de fumo a levitar no ambiente denso da câmara, as luzes foram sopradas das velas, a noite levava os guardas para o exterior e os escravos dormiam ali, um de cada lado da sua cama de dossel. Hamsha vestia um vestido de noite, encarando a noite a partir do mainel da varanda. Varreu a cidade com os olhos em direção às muralhas erodidas da cidade. Com um movimento suave, enlaçou a faixa do vestido à cintura e calçou umas sandálias de presilhas. Depois, pegou numa lanterna e indicou a um dos guardas que se mantivesse atento. Desceu cautelosamente as galerias do palácio até chegar à curva do corredor onde ficava a alcova do primeiro chanceler.

Ironia do destino, a porta abriu-se, e dela saíram duas jovens com pouco mais de vinte anos, uma beldade loura, outra morena. Os peitos empinados, as estolas mal alinhadas, os movimentos de ajustar o cabelo e os gestos sensuais sugeriam as ações que haviam praticado momentos antes. À porta, despedindo-se delas atirando beijos ao ar, estava o debilitado Vax Mohill, exíguo e pálido, com peles flácidas a caírem-lhe por baixo do queixo e profundas rugas sob as orelhas, alastradas por todo o pescoço. Metido numa túnica de seda, tentava compor com os próprios dedos o cabelo. As jovens permaneciam untuosas para com ele enquanto se afastavam, um excêntrico retrato de composição romântica. Mais inconcebível que duas jovens de vinte anos se envolverem com um velho como o primeiro chanceler, era a identidade daquelas duas. Eram Tamara e Soffya, as duas filhas de Berínia Amara.

Amara. Sempre ela a barrar-lhe o caminho.

Era a matrona com quem Goròn a traíra, a dama que um dia cortejara Hymadher. A mulher baixa e desprezível que precisava afastar urgentemente, agora que se encontrava no trono. De uma forma

meticulosa e discreta, antes que esta voltasse a mostrar as garras. As duas raparigas que saíam agora dos aposentos do babado Vax Mohill possivelmente teriam acompanhado o velho chanceler todo o dia, e talvez no dia anterior, mais uma das acções com dedo de Goròn, para que Hamsha permanecesse sem legítimos conselhos. Imaginava que Goròn queria que ela afastasse Dane do cargo, gerando uma crise militar. Imaginava também que as palavras ácidas de Dane tivessem sido produzidas nesse sentido. *Dane é um cão, total peão nas mãos de Goròn. E tudo isto teve dedo dele, e tudo teve dedo de Amara. Eles estão juntos nisto.* Cogitava que teria feito algo idêntico com os restantes membros do Conselho.

Tinha de pôr um ponto final nessa ardilosa maquinação. Fechou o punho e bateu com força na porta da alcova de Vax Mohill. O velho voltou a abrir a porta, com o olhar a reluzir de volúpia.

— Ainda não se cansaram, minhas... — As palavras morreram-lhe nos lábios estriados, quando se deparou com o rosto grave de Hamsha. Apertou a túnica contra o peito, dobrou-se sobre si mesmo e com a surpresa expressa no olhar, gaguejou:

— M... M... Minha senhora! Vossa Alteza, o que faz aq... aqui! Onde está a Guarda? É perigoso andar pelos corredores sozinha...

Hamsha entrou quarto dentro, com Mohill fechando a porta atrás de si, semicurvado. A rainha percorreu a tapeçaria vermelha e encontrou duas lanternas penduradas nas paredes forradas a veludo. Todo o quarto era opulento em adereços. Escrivaninhas cintilantes de estelas ornamentadas a fazer de pisa-papéis, mobílias ricas em balanças de ouro, porcelanas em marfim e maiólica na forma de elefantes e leões, relógios solares, bússolas, compridas velas de cera e paredes cobertas de rendas elaboradas, tapeçarias em linho mareano, cortinados de seda, cetim e merlina.

A parede de fundo estava coberta de profundos alvéolos cavados na pedra, que abrigavam pequenos bustos de gesso que representavam incontáveis soberanos de Welçantiah. Ao centro do aposento, reinava uma imensa cama de dossel com colunas chanfradas em cerejeira e edredões de penas, uma composição tão aprumada que causou surpresa

à rainha. À cabeceira, uma vela meio derretida estava apagada. *Não seria suposto a cama estar aberta, jorrando ao perfume do amor?*

De frente para o leito, num recesso sombrio do quarto, ficava o imenso retrato a óleo de Carpert, O Feio, um soberbo monarca Ameril que governara Welçantiah de 1061 a 1067 da Terceira Era. A cena mostrava-o metido num loudel dourado, uma coroa assestada no topo calvo, um nariz largo e uma boca retorcida sobre um queixo pontiagudo. Os olhos eram frios e penetrantes.

— Há quanto tempo está envolvido com as filhas de Berínia Amara? — perguntou, voltando-se subitamente para Mohill. O primeiro chanceler, visivelmente comprometido e com a língua entaramelada, pigarreou e voltou a cabeça para o solo.

— Vossa Alteza, eu... Decerto compreende que os homens têm as suas necessidades e...

O olhar de Hamsha rosou.

— Sugiro-lhe que responda à minha pergunta.

— Há dois dias, Majestade.

Hamsha olhou à sua volta. Tudo lhe continuava a parecer demasiado estranho. *Ridículo e estranho e errado.*

— Foram as duas que vieram propor-se ao senhor, chanceler?

A rainha viu a atrapalhação no seu olhar e virou-lhe costas, voltando a analisar o cenário, dando atenção aos pormenores.

— Há muito que trocamos alguns olhares, Majestade. Sem a querer ofender, penso que estes assuntos são do foro pessoal e não percebo o seu interesse...

Hamsha voltou-se repentinamente para o homem, com o cabelo a cair-lhe para os olhos.

— O meu interesse, chanceler, é esclarecê-lo de que Berínia Amara teve dedo nisto. Nada tenho que ver com a sua vida afectiva, a não ser que esta invada a esfera do seu trabalho. Gostava de saber por que razão não se apresentou nas cerimónias de coroação.

Algo atrapalhado, Mohill arrastou as pernas para a sua escrivaninha, o olhar baço a transpirar de hesitação e os dedos longos e ossudos a tremerem, alaranjados, sob a ténue iluminação do quarto.

Desenrolou um rolo de pergaminho, que lhe ofereceu com hesitação. Redigida pelo escriba pessoal de Lorde Goròn e assinada pela própria Hamsha, a missiva exibia uma série de regras pelas quais os conselheiros teriam de se pautar disciplinadamente. Num dos últimos parágrafos, leu:

“Dispensó todos os conselheiros de participarem nas cerimónias pós coroação, e durante os trinta dias após a mesma deverão usufruir de um período sabático para se restabelecerem e aclararem a mente.”

Hamsha soltou uma gargalhada. Goròn tornara-se tão previsível. Como era óbvio, ele falsificara a sua assinatura, e usara-se dela para afastar de si os seus conselheiros. No entanto, julgava-o mais inteligente; mais cedo ou mais tarde ela descobriria essa trapaça. *Provavelmente, ele nem se importa.* Chegava a hora de o enfrentar.

Amarrotou o rolo de pergaminho com as próprias mãos, as unhas compridas a enterrarem-se na carne, empalidecendo os nós dos dedos. Hamsha estava furiosa, um diabo cru e louco capaz de varrer Welçantiah com o seu grito. Um grito que ela não soltou. *É isto que aquele canalha quer,* pensou. *Deixar-me louca.* Teria de ser mais expedita, teria de saber jogar com os mesmos dados do adversário. Ofereceu a Vax Mohill o seu sorriso mais cínico, contou intimamente até dez e depois suspirou. Ainda assim, era difícil que ele não lesse a cólera truculenta embutida no seu olhar. Quando a rainha deixou cair o rolo de papel amachucado no solo, Mohill pigarreou.

— Minha senhora... — E caminhou em passos arrastados na sua direcção, tentando acalmá-la da forma mais calculista que lhe foi possível. — Como vê, limitei-me a cumprir uma ordem sua.

Cale-se...

— Essa ordem... — O olhar de Hamsha era imperial, o retrato fustigado de uma rainha cruel. — Essa ordem não é mais que um papel. Perdi a minha confiança em si, chanceler.

Hamsha fechou então os olhos e virou-lhe costas.

— Minha senhora, por favor! Minha senhora, por favor, espere. Há algo que a senhora precisa saber... — Mas só quando ele parou, é que ela se voltou novamente para ele.

Vax Mohill estava cansado e sob as pálpebras hirsutas pode comprovar que ele se encontrava realmente desapontado e arrependido. Arrependido por ter falhado às suas expectativas. *Mohill demonstrou-se leal. Sempre me lambeu os pés, o que não é exactamente a mesma coisa.* O conselheiro virou-se arrastadamente sobre os calcanhares e afastou-se, cabisbaixo. Quando chegou à parede de fundo, pegou na cabeça calva de um pequeno busto de gesso que representava Ameril Kilder I e empurrou-o para a frente. Ouvia-se um estalido e depois um suave chiado quando metade da parede se moveu para trás. Os olhos de Hamsha ampliaram-se com genuína surpresa.

— O que é isto?

— Siga-me, minha senhora.

Mal Hamsha se internou na escura abertura proporcionada por Mohill, a passagem secreta fechou-se. A humidade gelou-a enquanto descia uma escadaria estreita, fria e velha. Os passos de Vax Mohill pareciam igualmente velhos; o chanceler não precisava sequer de luz para reconhecer aquele caminho, mas ambos eram guiados por uma pequena lamparina de óleo de baleia. Ao fim de um labirinto de corredores e de passagens secretas, deram por fim com uma porta talhada a ouro, ladeada por duas serpentes emplumadas que se erguiam com expressões assustadoras. Mohill inclinou ligeiramente a cabeça de uma das serpentes e a porta abriu-se com um rugido e um estremecimento. Do outro lado esperava-os uma sala enorme.

As luzes das velas que a iluminavam esculpavam sombras frias nas antigas paredes de pedra. Canapés, escrivaninhas e camas, bacias de prata com pétalas de rosa a boiar e compridos tocos de vela polvilhavam o amplo salão orbicular composto de mais de trinta portas; todas elas passagens secretas. O cheiro a tabaco e a cera intoxicava o ar.

Camas de dossel espalhavam-se pela câmara, e nelas Hamsha viu velhos nus deliciando-se a bater e a chicotear núbeis beldades, a rirem-se perante a dança exótica de mulheres escuras, a jogarem aos dados sentados no chão, gargarejando uns com os outros de cigarros na boca, e viu idosos no meio de rapazes, a maioria deles com rostos inocentes, acariciando-os e obrigando-os a tocar-lhes, num intenso

DEZ

Velas enchiam o Salão Nobre com o odor de cera a derreter. A noite era escura e a sala um ninho de sombras a digladiarem-se, dissipando-se com os finos fios de luar que perpassavam as janelas profundas e a grande clarabóia vermelha.

— Lorde Goròn! — exclamou ela com uma voz sensual e magnética, quase suplicante. — Algo me disse que o poderia encontrar aqui.

Algo...

Os passos de Hamsha ressoavam no mármore, denunciando a sua chegada, e mal dobrou a anaconda alada no centro do salão, vislumbrou a silhueta elegante de Ameril Goròn abaixo do tablado, com os braços cruzados, a fitar o trono.

— Sois uma garota atrevida, um tanto ou quanto insolente, mas ainda assim perspicaz.

Goròn voltou-se para ela com os braços cruzados. O seu olhar era gelado e cortante como um glaciar. Tinha o rosto recortado por sombras, conferindo-lhe um aspecto fantasmagórico. A roupa, percebeu Hamsha, era uma túnica de noite cor de pergaminho, com renda farfalhada no pescoço, nos pulsos e nos ombros. O coração de ónix reluzia ao seu peito, pululando nas sombras da noite.

— Sempre foi esse atrevimento, essa insolência, e quiçá essa perspicácia que o atraiu em mim. Estou errada?

Vou vencer esta guerra, Goròn. Oh se vou.

— O que te leva a crer que algo em ti me atraiu, meretriz? — As palavras de Goròn quase a esquartejaram. Uma coisa era calcular, outra era ouvir da boca dele. O *aleck* caminhou, vagarosamente, na sua

direcção. — És um pedaço de mulher. Tens um corpo amável, confesso. Mas o que realmente me atraiu em ti foi seres a vaca do meu irmão. O meu salvo-conduto para o trono.

Hamsha soltou um esgar de desprezo.

— Naquela tarde em que me embebedei e o levei para a cama, li mais do que isso nas suas palavras. Vi mais do que isso no seu olhar. Foi um fraco, Goròn. Eu transformei-o numa pessoa fraca.

As palavras pareceram não reproduzir nenhum dano à expressão imperturbável do aleck, que se aproximou e puxou-lhe uma mecha de cabelo para trás da orelha; um toque singelo e voluptuoso que mudou tudo. Uma alquimia poderosa agonizava entre os dois, queimando e fundindo-os numa atracção que nem os deuses podiam negar. Muito menos *ele*.

— Fui um fraco, mas abri os olhos a tempo de evitar a perdição. Nessa tarde, tu embebedaste-te, e eu embebedei-me de ti. — Hamsha fechou os olhos. *Porque é que isto me magoa tanto, cabrão?* — Mas foi só.

A forma como ele soltou-lhe os cabelos e num rompante lhe virou as costas, teve um significado sepulcral. Significava para si que Goròn amava-a, realmente, mas amava mais o poder e o trono onde ela se sentava. Aquilo com que ela fantasiara morreu e uma lágrima aqueceu-lhe a face. Deixou que o eco das palavras dele caísse sobre si, o tempo para respirar fundo, para adaptar-se e dotar-se de vigor para seguir em frente. Caminhou atrás dele e fê-lo parar com as palavras que tinha atravessadas na garganta.

— Você ama-me...

— Não — respondeu prontamente. Voltou-se, enigmático como uma estátua. O seu cheiro era forte, algo entre o cedro e a alfazema, a soprar sobre ela. A sua voz era veneno e antídoto. Uma incisão e um unguento. Sal sobre feridas antigas. *A queimar como novas*.

— Porque é que mente?

— Porque às vezes a verdade é cruel...

— Porque é que mente? — repetiu, com os olhos a arder.

— Porque a verdade, muitas vezes, é uma coisa tão escandalosamente erótica que nos constrange e nos deixa em pele de galinha.

— Pois eu amo-o, grandessíssimo cabrão. Amo-o e sei que planeia matar-me. Sei disso. Como disse, sou perspicaz. Perspicaz ao ponto de não cair no seu ardil. — As lágrimas escorriam-lhe pelas faces, os olhos semicerraram-se com o ardor. — O que é que pensava, Goròn, que eu era tão parvinha ao ponto de sair de Welçantiah, entregando-me às mãos de tribais, entregando-lhe o trono? Que eu era néscia ao ponto de abandonar esta fortaleza, à cata de uma diligência que eu nem sei se existe mesmo, só para impedir que você trouxesse para cá Gentes do Crepúsculo? Ora, nem você é suficientemente louco para trazer para Welçantiah esse tipo de gente, nem eu sou ingénua ao ponto de achar que há coisas que se passam neste palácio sem que eu tenha conhecimento delas. Agi por impulso, agi sem pensar e fui ingénua. Mas abri os olhos. Hordy Mool é o braço-de-ouro da Guarda Ameriliana. Não é o meu braço-de-ouro. Dane limitou-se a trazer-me recadinhos seus. Foi tudo tão claro que eu não sei como fui tão burra.

Goròn sorriu por fim, incredulamente satisfeito.

— Não me surpreende que tenhas descoberto. Receei que a mensagem de Wilfred-Hunther fosse demasiado aberta e pelos vistos tinha motivos para isso. Foste esperta, como sabia que serias. Por um lado, isso enche-me de vaidade, por outro, de apreensão. O que farei contigo agora?

Hamsha fungou. Goròn não teve qualquer problema em assumir a sua maquinação. Se ainda lhe restava alguma dúvida, ele acabara de a dissipar.

— Vai matar-me, não é?

— Não, não vou. Já desconfiavas antes da carta?

— Nem por sombras, mas foi tolice minha, já o disse. Depois somei um mais um. Para o mestre das conspirações, esta foi fraquinha, Lorde Goròn. Mool convenceu-me, é verdade. Levou-me às catacumbas, onde estava Wilfred-Hunther. O velho estava extremamente pálido, calculei que fosse das condições em que se mantinha escondido. E aquele misterioso Targuy... Parecia mesmo um homem que vivia confinado no meio dos seus grimórios sem condições de higiene. Não desconfiei que ele fosse o carcereiro de Wilfred-Hunther.

Você matou os militantes dele, fez crer a Fel Manny que o tinha matado, mas pensou que ainda poderia fazer uso do velho, e então manteve-o enclausurado longe dos olhares do mundo, junto com aquele Targuy. Quem é ele? Um torturador? Só isso explica o estado do velho.

— O melhor torturador de toda a Terra Parda — afirmou Goròn, com uma pontada de orgulho.

— Calculo. E graças a ele conseguiu a mensagem que Hymadher deixara a Wilfred-Hunther para entregar à rainha de Hyldegard. E com essa mesma mensagem torturou-me a mim, atirou-me com uma naja, com dúvidas, medos e remorsos. Parabéns, consegui fazer da minha vida um inferno. Confesso que o trabalho com Wilfred-Hunther deve ter sido demorado e complexo, para o fazer convencer-me. Claro, Targuy estava lá, para se certificar que tudo corria como havia arquitetado. Depois, não convinha eu voltar às catacumbas, com o pretexto de que cedo o grande Goròn desconfiaria do que se estava a passar. — Hamsha abanava a cabeça, mordiscava o lábio e batia as palmas. — Claro que Mool não conseguiu puxar o alçapão sozinho, precisou da minha ajuda, é óbvio que de outras vezes não teria um poder celestial a ajudá-lo. Foi tudo preparado pela Guarda Ameriliana. Tudo preparado por si.

Goròn sorriu.

— É verdade, não o nego. E adorei o trabalhinho que Dane fez. Cada vez mais apurado. Mool também foi perfeito.

Conspirou e influenciou Hymadher. Wilfred-Hunther queria oferecer Welçantiah a Somoros, dissera-lhe Fel Manny. Mantenha-me e a Dane como seus braços, pelo menos por enquanto, segredara-lhe Mool. Se você sabe isso tudo, porque não me afastou deste cargo?, perguntara-lhe Dane. Se quer saber o que tem ocupado tanto Vax Mohill, vá aos seus aposentos, e veja com os seus próprios olhos.

— E os conselheiros? Afastou-os de mim, chantageando-os, ameaçando entregar as suas práticas a Misera, certo? Carnez foi apenas uma pala nos meus olhos, fazendo-me crer que o nomeara meu deablio para me transmitir os conselhos que você queria que eu

ONZE

Atalaia Cruü, Cordilheiras Bravas

O cavalo do Chefe Hogan relinchou, mas os dedos hábeis do homem refrearam o animal. Tinham sido acesas fogueiras ao longo das paliçadas, e todas as atalaias estavam bem vigiadas por sentinelas de mantos desbotados. A companhia regressava a casa. Depois dos cavalos vinham carroças grandes e carros puxados por bois, cobertos de lonas, feltro e couro velho, peles de urso e de ovelha, a rumorejar. Ao avançar por entre os chuviscos, por entre os carvalhos sobranceiros, teixos e espinheiros-alvar, Ameril Hymadher sentia os dedos a repassarem no couro do arreio de seu cavalo *Caçador*. O coração apertava-se-lhe no peito. *Há quanto tempo não me sinto em casa*. Junto a uma fogueira, o rei viu um homem a orar aos deuses brancos, e abençoou-o por isso. Cabritos-do-monte e ovelhas acompanharam-lhes o passo. Kallamey Hogan desapareceu por entre as últimas árvores do caminho pedregoso.

— Já ouvi — rebateu Dyekken Benn, com o rosto riscado de suor e sujidade. — Larga-me! — Hymadher olhou por cima do ombro para ver o jovem prisioneiro a disputar uma roda de queijo com o rapaz Januar, que parecia querer divertir-se à sua custa. A confusão foi rapidamente sanada quando, com a sua voz trovejante, Wayn Calttor os mandou calar. Enorme e musculado, o campeão deu uma palmada na nuca do prisioneiro, fazendo-o tropeçar para a frente, e lançou um olhar carregado de labaredas ao jovem Scrimley.

Hymadher tranquilizou-se, percebendo que Calttor estava a fazer um excelente trabalho com o rapaz. Atrás dele vinham Kermil e Tolley, com prémios de caça aos ombros, em ambiente de grande camaradagem. À frente, viajava um grupo de habitantes de Cruü, alguns dos quais carregados de cervos, esquilos, sacas de pinhas e toros cortados

à machadada. Zepell Elwy, Calttor, Benn e Januar faziam parte da comitiva, assim como o senhor do vilarejo, Hogan, e os seus brutamontes, o Diabo Chamado Hurth, o todo músculos Angie e Sidh, o Ignóbil. Apesar de ser o rei, Hymadher sentia-se em dívida para com aquelas gentes. Sentira necessidade de arejar as ideias e fez questão de acompanhar o grupo. Foi aí que se lançaram numa breve campanha pelas imediações do povoado em busca de provimentos.

Ao regressar a Cruü, Hymadher fixou o olhar nas aves que batiam as asas e se espantavam, nas vielas lamacentas e nas pegadas de animais de gado que se enchiam de água suja. O ar estava denso com fragrância dos ciprestes, com o tagarelar dos sapateiros, o fedor a tinta, a tanino e a couro. A sujeira dos agricultores era palpável, como a dedicação de uma mulher roliça no pisoteamento dos seus tecidos e a de uma prostituta em abordar os transeuntes. Cruzaram-se com almocreves e charlatões, com quem lidaram em diferentes graus de cortesia. Hymadher reuniu-se a uma série de homens trajados a couro fervido. Junto a um enorme fogaréu, queimavam as pontas de ferro das suas pesadas hastes de madeira, endurecendo as lanças. O próprio Hymadher pegou numa e queimou-lhe a ponta, arremessando-a posteriormente para uma pilha.

Quando se aproximaram da estalagem, viu Aggert sentado sobre três estrados de madeira, saboreando o resto de um cigarro. Os seus olhos cruzaram-se, carregados de sentimento. O homem arremeteu o cigarro para a terra, saltou e pisou-o, afastando-se em seguida para o interior do edifício, com uma praga entre os lábios.

O turbilhão na mente do rei só se dissipou quando sentiu algo a sacudir-lhe uma perna. Lembrou-se das duas rolas que trazia penduradas na bota e viu uma menina de três anos a abaná-lo. Tinha as maçãs do rosto rosáceas e sardentas, o cabelo castanho a encaracolar e uma dentição luzidia. Hymadher despenteou a menina e pegou-a ao colo. Ela tocou-lhe no rosto e beliscou-o, e ambos soltaram uma gargalhada calorosa. Depressa outra menina, com um ar pouco amigável, colocou-se à sua frente com as mãos na cintura. Tinha uma cascata de cabelo louro a descer-lhe até aos tornozelos e estava

coberta por uma pele de urso-montês, não parecendo ter mais de sete anos.

— É mesmo verdade que você é o rei? — perguntou ela.

— Quem te contou? Esse era o meu segredo.

— Ah, foi a minha mãe, a Tianna, que é irmã do Chefe Hogan.

O meu pai morreu há dois anos, numa briga, e agora vivemos todos juntos. A minha mãe diz que você é muito elegante e fica vermelha... Isso é perigoso?

Hymadher soltou uma gargalhada e respondeu suavemente:

— Espero que não. E tu, como te chamas?

— Eu sou a Amy. E essa no teu colo é a Hanneley, uma peste.

— São filhas da minha irmã Tianna — garantiu o Chefe Hogan, com as suas sobrancelhas e barbas farfalhudas, ao chegar junto do rei. Hymadher colocou Hanneley no chão e as meninas correram uma atrás da outra. — A pobre coitada é a minha irmã mais nova. Éramos quinze, hoje somos só sete, três homens e quatro mulheres. O marido dela morreu numa rixa de grupos rivais.

— Lamento — confessou Hymadher, fazendo descer o seu olhar da enorme cara de símio do Chefe para o colete de couro desbotado, e do cinto de machado à cintura para as suas pesadas botas de imensos atilhos. Ficou surpreendido ao ver o meio-curvado a gargarejar e a fungar, apesar de ele o fazer sempre em simultâneo.

— Não lamente, Alteza. O tipo era o desgraçado de um rufia e ladrão de gado. Se não tivessem matado o maldito, eu próprio o faria com estas mãos. — E abriu as enormes mãos peludas para enfatizar as palavras. Depois, deu uma pancada na omoplata de Hymadher e conduziu-o pelo trilho. — Venha comigo, Alteza. Vamos beber uns copos e falar sobre coisas mais interessantes. A Ambelyn, a minha esposa mais nova, o que acha dela? Hum? Acha que ela será uma boa parideira? Tem boas ancas.

O rei fez um sorriso cortês.

— Lamento, Chefe Hogan, mas as responsabilidades para com os Scrimley chamam-me. Irei ver se está tudo bem. A nossa conversa terá de ficar para depois.

Hogan torceu o nariz.

— Como Vossa Alteza desejar, mas fica desde já registado que o espero esta noite na estalagem. Irei dar uma festa por conta dos prémios de caça e Vossa Alteza não poderá faltar.

— Aceitarei de bom grado, Chefe — concordou.

Hymadher gostou de conhecer as duas crianças, Amy e Hanneley, ao mesmo tempo que ficou triste por saber da falta de uma figura paterna para aquelas duas meninas. Apesar de confiar em Hogan, não achava que ele fosse o exemplo perfeito para aquelas jovens. Chegou cansado a casa dos Scrimley, acompanhado por um retraído e cabisbaixo Januar. Os restantes tinham-se fixado na estalagem, permitindo aos Scrimley gozar de alguma privacidade, embora fosse a sua obrigação de rei visitá-los para ficar ao corrente do estado de saúde do velho Larny. Quando abriu a porta, as maçãsdo rosto de Marthyna estavam molhadas, mas os seus olhos luziam como pedras preciosas.

A jovem agarrou-se ao pescoço do rei sem hesitar e apoiou-se aos seus ombros como uma amante faminta. Mesmo surpreendido com a súbita investida, Hymadher não resistiu ao abraço e afagou-a docemente, apertando-a contra si. A jovem beijou-lhe uma bochecha, um pedaço do lábio e afastou-se, pegando-lhe por uma mão e incitando-o a entrar. Januar ficou meio estarecido com a reacção da prima, mas quando entrou atrás deles ficou elucidado sobre o motivo de tamanha euforia. Sentado, ainda amarelo como velino e carregado de dores, estava Scrimley Larny, resmungando para que parassem de o aborrecer.

O cabelo branco como neve estava derramado sobre os ombros. Uma venda de linho fora recolocada em volta da cabeça para lhe ocultar a cavidade vazia, onde antes tivera um olho. Apesar das mudanças físicas e da evidente fragilidade, Hymadher reconheceu-lo-ia em qualquer parte. Ao vê-lo assim, foi como se sentisse mais seguro no mundo. Subitamente, era um menino perante um homem bem mais completo e instruído. Uma serenidade apaziguadora desceu sobre si.

Hertha andava irrequieta à volta dele e Elani e Imonia rejubilavam diante do patriarca. Quando Januar abraçou o tio, permitiu-se um

DOZE

A estalajadeira, com uma cascata de cabelos cor de cenoura e um par de olhos penetrantes, ria às gargalhadas enquanto corria atrás das duas meninas. Vestia uma pele de marta quente e um avental de linho estava-lhe enrolado à cintura. Hymadher fitou-a sem interesse aparente. Sentado a uma mesa tosca com tampo de madeira, ao lado do Chefe Hogan, do seu secretário, Forrester Hutsh, que sofria de soluços, e de uns quantos rufias da mesma estirpe, o rei pensava em amor.

— Venham cá, não fujam! — vociferava a mulher. — Suas diabinhas!

Apesar de Kallamey Hogan não a ter apresentado pessoalmente, indicara ao rei que aquela era Tianna, a sua irmã. Por alguma estranha razão algo lhe dizia que o Chefe a queria atirar para os seus braços. Tianna era bonita, com o seu quê de promíscuo e de tentador, mas o cabelo dobrado vaidosamente para os lados fazia-o lembrar-se amargamente de Ezzila, e essa era uma recordação que iria sempre condicioná-lo. *Eu lembrar-me-ia, e nunca a faria feliz.* Se havia uma mulher capaz de o fazer esquecer-se de Lazard Ezzila, essa mulher não seria certamente Tianna.

O ambiente era de grande folia. Muitas eram as caras espalhadas pela festa, realizada na sala comum da estalagem. Era a única albergaria daquelas paragens, o motivo pelo qual o estabelecimento nem sequer era baptizado. Aggert permanecia encostado e de braços cruzados numa sombra, embora várias mulheres o interpelassem. A espada permanecia no cinto, a única arma da qual nunca se separava. Hymadher olhou para Aggert com indulgência. *O homem que me quer matar, pensou. Talvez tenha razões para isso.*

Sobre um tabuleiro retorcido, deslocando discos trabalhados em osso e couro, Tolley, Kermil e Calttor divertiam-se a jogar gamão com estranhos, ao mesmo tempo que as suas omoplatas ossudas sentiam o alívio provocado pelas tentadoras massagens que lhes eram servidas por um punhado de mulheres. Dyekken Benn encontrava-se sentado aos pés da mesa, algemado a correntes de ferro e vigiado de perto por dois membros da guarda pessoal de Hogan, armados de machados. Um deles era Sidh, o Ignóbil, calvo e sem um olho; o outro era o Diabo Chamado Hurth, com um peito de touro e farta cabeleira ruiva. Uma mulher roliça com longas tranças loiras, uma das três esposas do Chefe, abriu espaço entre ele e o seu secretário, deixando um beijo estridente no rosto do seu cônjuge.

Ouviu-se um estrondo quando um dos homens caiu de um cepo, seguido de uma sonora gargalhada. Gracejos, risos e esgares de caras rosadas, um movimento interminável de coisas diabólicas. Os homens fumavam cigarros e charutos, e Hymadher julgou que era das poucas oportunidades que tinha para sentir esse ambiente cálido em Atalaia Cruü. As pessoas viviam isoladas e tristes, e só mesmo a presença do rei naquelas paragens devolvera ânimo àquela gente. O Chefe Hogan patrocinava essa alegria.

— Larga-me, Umber! — gritou o Chefe, já farto das beijocas da mulher, e esta largou-o, visivelmente contrariada. Logo depois Ambelyn, a esposa mais nova e predilecta do Chefe, passou pelos homens com uma longa saia de cetim e sentou-se ao colo dele. Desta feita, Hogan não se mostrou minimamente aborrecido, agarrando-a com audácia. A rapariga olhou por meio segundo para Hymadher e pareceu subitamente envergonhada pela forma como o Chefe a apalpava sem o menor pudor.

Hymadher notou o quanto ela era jovem. *Quase uma criança.* Mas os seus lábios... Bem, os seus lábios eram uma coisa suculenta como nunca vira, uma coisa do outro mundo. A rapariga fitou-o e hipnotizou-o, passando com a língua rubra sobre o lábio superior. Os seus olhos engoliram Hymadher e ele pensou, por meio segundo, que a queria para si.

TREZE

Os gritos elevavam-se à sua volta.

— Levem as mulheres e as crianças para os quartos! — vociferou Hogan, arremessando o machado de uma mão para a outra, avançando na direcção da porta.

Calttor olhou pelo canto do olho para Hymadher, e este anuiu com a cabeça. As mulheres gritavam e as crianças berravam. A corajosa Amy era a única que parecia não entrar em pânico. Mas o terror apenas aumentou. O som pareceu cair sobre eles. Os estrondos que ouviam adensaram-se. Vinham das janelas e das paredes, e antes que Hogan pudesse pegar na porta para a abrir, o brutamontes chamado Angie ergueu o seu braço e apontou para uma janela de madeira.

Hogan viu, Hymadher viu, Tolley, Calttor, Aggert, Kermil e todos os presentes viram. Era noite, mas a madeira e o vidro estavam a rachar. Pelas suas frinchas viam-se gralhas-de-sangue a bater-lhes com as cabeças e os bicos.

— Gralhas-de-sangue!

— Os akhamay vêm para nos levar!

— É o fim!

— É o Qaos! — ouvia-se.

Homens e mulheres corriam, uns para um lado, outros para o outro, depressa percebendo que ninguém podia sair para a rua. As portas estavam também elas a serem alvo das investidas dos bicos cruéis daquelas aves. Procuraram outra janela, cujo vidro também se estava a rachar, e outra que já estava estalada.

Correram para os quartos, onde mulheres e crianças se encontravam, as venezianas encontravam-se desarticuladas e partidas e gralhas-de-sangue já tinham entrado. Aquelas aves nefastas de penas

escuras pousavam as suas patas, debatiam-se na pele para se equilibrarem, arranhando e esgravatando a pele e os olhos; bicando e bicando nas cabeças daquelas pessoas. Havia crianças a chorarem em pranto, com os cabelos empapados de sangue. Um rapaz gritava com as mãos cheias de sangue e um buraco escuro onde tivera um olho; olho esse que pendia do rosto. Uma dobra de sangue derramou-se-lhe pela face cremosa. Bonecas de trapos estavam caídas no chão, envoltas em poças de sangue.

Escuro.

Respiração arrastada. Lenta.

Gritos surdos.

— Tapem as janelas! — gritou Hymadher, que correu pela escadaria na tentativa de evitar o pior.

A Venerável Syspren. O seu objectivo era chegar ao quarto em que se instalara para alcançar a sua arma de eleição. Uma arma de fogo seria mais perigosa para os inocentes que a estalagem albergava do que para os pássaros negros, mas uma lâmina... A tentativa, no entanto, morreu, ao chegar ao piso cimeiro atulhado de gente.

É o fim, acabou...

É tudo uma questão de perspectiva, dir-lhe-ia o seu irmão Goròn, com aquele sorriso obscuro, é tudo sobre perspectiva, sobre fonética, sobre visão. Não passa tudo de uma maldita ironia dos deuses. Há sempre uma forma de os mandar à merda e perdoar a sua covardia com acções. Isto já seriam palavras do pai, com toda a certeza. Acções. Está na hora de agir, Hymadher...

— Lançaram-nos uma praga! — gritou Tianna, ao encontrar-se com Hymadher no corredor intensamente povoado. Já havia penas espalhadas pelo corredor, e havia muitos gritos e estrondos e vestígios de sangue, homens, mulheres e crianças com as mãos na cabeça. Trôpegos, bêbados de sombras e de sangue, tropeçando nas teias dos deuses.

— Mantenham a calma! — ordenou Hymadher, mas ninguém parecia ouvi-lo. Soltou um estalo com a língua e apertou com força no pulso de Tianna. — Mantenha-se junto a mim, por favor. Onde está Amy? E Hanneley?

A mulher entrou em pânico, agarrada ao seu ombro. Os cabelos estendiam-se sobre o rosto, os olhos fecharam-se e jorravam lágrimas malditas, o maxilar cerrado de desespero. *Não chores, pequena... Não chores que me partes o coração.* Mas ele não ia perder mais tempo a contemplar aquela cara adorável a pedir consolo quando tinha gralhas-de-sangue a voarem por cima das suas cabeças, homens, mulheres e crianças a empurrar o rei e a mulher e a prometer esmagá-los contra as paredes. Obviamente, a mulher não sabia das filhas. Já havia pessoas a pisarem-se umas às outras e as gralhas-de-sangue atravessavam os quartos e o corredor. Conquistaram as entranhas da estalagem a grasnar como demónios, e claramente o andar cimeiro tornou-se um lugar impossível de transitar.

Hymadher passou as mãos pelas costelas de Tianna e caminhou na direcção contrária, a direcção para a qual todos convergiam. Uns subiam, outros desciam, mas a escadaria era o local mais frequentado naquele momento, e de quase impossível acesso.

Naquele tumulto, Hymadher reconheceu um grito, uma voz, e viu a pequena Hanneley a ser pisada por outras pessoas. Um pé espalmava-lhe um braço, outro passava-lhe junto ao nariz sem amabilidade. Com toda a sua resiliência e força de braços o rei meteu-se por entre duas mulheres obesas, com olhares nefastos e vermelhas de fúria, e arrancou Hanneley ao solo. A pequena gritava e gemia, como uma cadelinha a ser esmagada pelas rodas de uma carroça, e Hymadher viu vestígios de sangue no seu rosto. Numa análise ténue, percebeu também que a jovem fora pisada e que o tornozelo estava muito magoado. Censurou os pobres de espírito que fizeram aquilo à menina, e colocou-a nos braços da mãe. Tianna agradeceu a Hymadher em preces e murmúrios, e continuou a seguir o rei. Aproveitaram uma sequência de incidentes: vários *meio-curvados* caíram pelas escadas e aqueles que permaneciam em pé lutavam uns contra os outros pela passagem, para saltar entre corpos e tumultos e regressar ao piso térreo.

Uma nuvem de penas negras flutuava pela sala comum. Sunningham Kermil ria-se muito enquanto manobrava desajeitadamente um machado pelo ar. Tolley, suado e com vestígios de sangue

na face, espanejava o ar com uma vassoura, à falta de uma lança. Kallamey Hogan fazia o mesmo com o machado, tentando afastar as gralhas-de-sangue que ali grassavam. Sidh mugia como uma vaca enquanto lutava; o Diabo Chamado Hurth espalmou uma gralha-de-sangue com as suas próprias mãos e recebeu em resposta uma chuva de sangue negro e pegajoso. Com a espada entre as mãos, Aggert era o mais feroz de entre todos.

— Olhos bem abertos! — trovejou a voz do Chefe Hogan.

Inutilmente. Assinalavam-se já várias baixas: Forrester Hutsh jazia inerte com os miolos derramados pelo solo; uma das esposas de Hogan, Astry, gemia sem um olho, o corpo a estremecer e o sangue a jorrar-lhe das entranhas; Umber, a esposa rotunda do Chefe, esmurrava gralhas e lançava pragas, mas acabou por cair e ser atacada por uma nuvem de aves escuras como vinho tinto. O tipo chamado Angie, o que falava muito sobre o tamanho do seu sexo, estava também morto, com gralhas-de-sangue a alimentarem-se do rosto. O que se chamava de resistência, naquele momento, não passava de uma piada. *Uma piada de deuses sarcásticos.*

— Amy, onde está Amy? — perguntou Tianna, desesperada.

Foi então que surgiu Calttor, vindo de outra divisão. Acenou para Hymadher, e fez-lhe sinal para que o seguisse.

— Sigam-me! — pediu Hymadher num grito rouco, um misto de angústia e esperança. Foram seguidos pelo gralhar e guinchar das aves. O rei correu para a cozinha, de mão dada com Tianna, que levava Hanneley ao colo. Tolley, Kermil, Aggert, o Diabo Chamado Hurth e o próprio Hogan correram atrás, ninguém mais. Sidh fora tragado por uma sombra de aves.

No acesso para a cozinha, Calttor indicou um compartimento, um esconderijo de madeira reforçado a aço que funcionava como despensa. Em baixo ficavam dois degraus de madeira que conduziam à cozinha; por cima ficava aquele refúgio. Calttor segurou na maçã com a forma estilizada de uma rosa e abriu a porta; Hymadher colocou lá dentro a pequena Hanneley. Em seguida, conduziu Tianna para o seu interior. Depois, foi o próprio Hymadher que esticou os braços

e saltou. Com os olhos viu que tanto a pequena Amy como Ambelyn, a jovem esposa de Hogan, já lá se encontravam. O reencontro entre Tianna e a filha foi emocionante, lágrimas escorregaram-lhes pelo rosto. O espaço, revestido a madeira, devia ter uns cinco metros de largura, meio metro de altura e dois de comprimento.

Devidamente encostada às paredes em sacas, boiões, vasilhas devidamente seladas e caixas de madeira encontrava-se uma variedade de provisões: sal, compotas, conservas, grãos-bravos, feijão, couves, batatas e especiarias, peças de caça em estado puro e pré-confecionadas. Um conjunto de tábuas repousava sobre uma caixa, compreendiam vários nomes de alimentos como uma espécie de inventário dos produtos em armazém, as letras gravadas numa superfície de argila.

Ali a ventilação era reduzida. Hymadher esticou um dos seus braços, ferido de uma bicada quase insignificante, para cima de uma barrica que conservava carne em salmoura. Depois de si entrou Hogan, destroçado, e depois Tolley, que cedo percebeu que o espaço era pequeno para todos.

— Não cabemos todos cá dentro! — exclamou horrorizado. As suas sobranceiras arquearam-se, procurando alguma resposta no seu rei.

— Isto não está certo — sussurrou Hymadher.

Calttor olhou para a entrada do corredor, com aves negras a aproximarem-se, e fechou a porta com estrondo. A madeira bamba estremeceu. Os pregos e as dobradiças também. Com o punho fechado, Tolley bateu na porta pelo lado de dentro, violentamente.

— Hey, que estão a fazer? Deve haver mais mulheres e crianças, deixem-me sair. — A impaciência soldadesca do jovem lanceiro lançou o pranto nas crianças, mas Hymadher arrastou-se para o rapaz, colocando-lhe uma mão no ombro. Os ruídos eram o túnel entre eles e o mundo lá fora, eram a esperança contida e fundamentada de que aquela sombra era o seu abrigo, e foi acometido por uma espécie complexa de cobardia que lhe suscitava medos e vanglórias.

— Não vale a pena! — disse por fim.

Lágrimas rolaram pelos olhos de Tolley, à medida que ouvia os gritos dos seus amigos. A testa franziu-se e uma terrível tristeza

apoderou-se dele. Hymadher abraçou-o, e na escassa luminosidade percebeu que o rapaz também estava ferido num braço. Removeu um lenço do pescoço e enrolou-o ao braço do jovem, apertando-o e ocultando os lábios da ferida. Embora tentasse serenar os ânimos, e tivesse a responsabilidade de proteger os seus, mostrando-se o mais estável emocionalmente, o rei nunca podia prever que uma calamidade até agora incompreensível caísse daquela forma sobre si. Lá fora, Kermil, Calttor, o Diabo Chamado Hurth e Aggert lutavam sozinhos contra um mar de gralhas-de-sangue, o rapaz Dyekken há muito que estava fora da sua linha de visão, Zepell Elwy e os jovens de Duas Moitas tinham saído para buscar lenha às cavaliças antes do incidente, e os próprios Scrimley, não sabia de que modo eles poderiam escapar àquela praga. *Nunca me perdoarei...*

Os louros dos que sobrevivem são sempre amargos de boca. Não fora a primeira vez. Não seria a última. A má-fé é a predisposição para um comportamento bem cruel. *E eu agi de má-fé, como um reles filho-da-mãe*, calculou, pensando em ideias que não passavam, em pessoas que não estavam e em passados que haviam passado.

Ali, a pequena Hanneley gritava, do susto e das dores provocadas pelas contusões. Ambelyn encostou os seus maravilhosos lábios ao ombro de Hogan; o olhar de menina inocente suplicava algo a Hymadher, um misto entre sedução e súplica que lhe escapava à compreensão.

O desespero não serenou. Estava bem patente nos rostos tensos e pregueados, nas veias a latejarem no pescoço do rei. Tensão levada ao limite, persistente, contumaz, sem tréguas, dor, sofrimento, angústia. Demoraram-se a tolerar o nada, numa guerra contra a paciência, contra a neutralidade, contra a não-acção. Uma miríade de batalhas sem fim. O desespero atingiu o seu zénite uma hora mais tarde, quando os gritos se silenciaram e o som de guinchos e penas a baterem foi-se afastando.

Hymadher esticou o indicador para Tolley, e depois para Hogan.

— Primeiro nós os três.

Cautelosamente, Hymadher puxou a tampa do compartimento, e fitou o espaço à sua volta. Não encontrou o corpo de Calttor, nem de Aggert, nem de Kermil, o que lhe fornecia uma esperança amarga

de que eles tivessem sobrevivido. Pulou para o solo, de joelhos flectidos, e passou com o antebraço pelo rosto, afastando os traços de suor. Olhou à volta, tudo era escuridão, velas caídas, penas a pairarem pelo ar, uma tristeza sibilante. Ouviu um som proveniente da cozinha, e resolveu segui-lo, tenso, temerário e inconsciente.

Tolley e Hogan saltaram para fora do compartimento, de armas em punho, e foram atrás dele com uma fidelidade primária. A cozinha estava completamente desarrumada. Panelas de cobre manchadas de negro estavam caídas no solo. O brasido estava apagado, a jorrar fumo. O tampo da mesa encontrava-se tombado dos cavaletes danificados. Na parede da entrada, um grande cutelo oscilava precariamente de um gancho quebrado. Duas mulheres jaziam mortas, no meio de amontoados de penas negras, fragmentos de madeira e pó. Uma tinha uma língua arrancada, afastada um metro da boca, outra poderia ter demonstrado uma expressão de horror, se a pele não lhe tivesse sido apartada da cara, a carne violada e caída em pregas sinistras. Os olhos tinham-lhe sido arrancados cruelmente.

Hymadher não encontrou nem um sinal dos seus companheiros.

Correu rapidamente para fora da cozinha e dirigiu-se em passos largos para a sala comum do salão. Ali, tudo era penas, sangue e penumbra. As coroas de luzes no tecto balançavam, a maioria apagadas.

Morte.

Gritos surdos.

Penas a levitarem pelo ar.

Lentamente.

Corpos mortos eram às dezenas. Hogan soltou um grito de raiva acumulada, devastado com aquele cenário, quebrado por dentro pelas pessoas que tinham morrido. Ali encontrou Sidh Sem Olho, O Ignóbil, o monte de músculos Angie, o leal Forrester Hutsh, duas das suas queridas esposas, Umber e Astry, uma mão cheia de irmãos. Restavam, porém, três pessoas; vivas, mas sem cor de si.

Monroy Aggert estava ali, sentado num cepo de madeira, a pele branca como um cadáver, coberto de penas, sofrendo com várias chagas na carne. Parecia perguntar-se como é que lhe foram ao bolso sem dar conta. A espada repousava solene sobre os joelhos. Subitamente,

CATORZE

Porto de Ash, Mar Velho

O velho porto de Ash, localizado na escarpada costa sudeste do Mar Velho, ficava na orla de um pequeno povoado habitado por homens do mar. Fora em tempos uma vila, mas era agora um mero dormitório, sob administração hyldegardiana. Não obstante, todos o conheciam como *a boca de Terra Parda*. Um dos pouquíssimos ancoradouros a norte de Terra Parda, bem próximo das Ilhas Edd, Ash gozava de uma importante posição estratégica, tendo-se afirmado como ponto nuclear de importantes rotas marítimas. Através dele era exportado todo o produto excedentário de Terra Parda para o estrangeiro, mantendo-se de braços abertos para a riqueza que provinha das terras a norte: uma mais-valia para a sua independência e prestígio logístico.

— Eu gritei para bombordo, mas o velho parecia mais divertido a dar nós e a estudar o sol — disse um dos estivadores que se cruzaram com Lazard Ezzila, sob uma velha arcada de pedras erodidas pelo tempo, onde ainda se podiam ver pequenos esboços do que havia sido um desenho em mármore de uma sardinha.

Mysee Tyttertop seguia a seu lado, ambos ocultos por um longo capuz de lã tingida e com uma trouxa às costas. A pequena Selenya seguia-os atentamente, disfarçada em conformidade.

Um porto velho, de calçadas gastas e enlameadas, com cheiro a peixe podre, a sal, corda e couro, com cheiro a esgotos, com cheiro a homens vis. Com cheiro a tráfico e a corrupção. Cheira a podre até ao tutano, pressentiu Ezzila.

Entraram pelo portão abaixo do Mercado Velho, singular marco da povoação, à luz da manhã. Ouviam os homens a tagarelar na lota, o vagido das gaiotas a guinchar junto à enseada, o sibilar do vento que

varria a costa e o som próximo das ondas a baterem nas praias de seixos. A maresia e o sal caíam sobre as suas cabeças como chuva miudinha.

Subiram a pique uma rua calcetada, que se dobrava como um C na direcção de um albergue ao lado da cordoaria. O odor sufocante do cânhamo confundia-se com o agridoce aroma do mar. Esperava-os já um homem velho sob um manto desgastado pelo sal, com uma tonalidade de queijo velho no rosto. Não fossem os traços, a barbela flácida sob o queixo e aquele olhar vulpino, Ezzila não o reconheceria. Era Sentyr, o arlequim. Já a casa, cheirava tanto a húmido por fora, na parede caiada de musgo, como se revelou depois por dentro, uma hospedaria precária, com uma velha anã como recepcionista e proprietária, mirando-os desconfiadamente, com um olho maior do que o outro, da sua cadeira de baloiço em verga.

— Waddant andou a sondar uns homens no estaleiro — sussurrou Sentyr, enquanto subia com dificuldade a escadaria do albergue. — Não consegui nada. O preço que esta escória pede por um barco é dez vezes maior que o preço que conseguiríamos pagar. Temos de depositar a nossa fé em Coted e Rott, e esperar que sejam tão bons a regatear e a jogar como parecem. Eles garantiram que conseguiam conquistar um veleiro no jogo. Só têm de se misturar nos círculos mais negros da zona.

— Não sabia que, para além de filhos da mãe estupradores e salvadores nacionais, eles também são ilusionistas. Acho que a ideia é um tanto ou quanto... ridícula — rebateu Ezzila.

Tyttertop abriu uma porta e Sentyr lançou um olhar apaziguador à rainha. Ao entrar, ela quase não prestou atenção nas mobílias usadas, nas paredes enegrecidas de humidade, nem na falta de higiene. Tyttertop abriu as portadas de carvalho nobre da varanda, para arejar o quarto.

— É triste o tamanho disto, mas é o que temos — observou o mosqueteiro, algo constrangido.

Sentyr deu um passo em frente. O seu cabelo longo escorria para as laterais, repuxado para trás, deixando à vista a testa alta e enrugada e as entradas grandes.

— Não havia muitos quartos livres por estas paragens, mas este terá de servir. Sua Alteza e Selenya ficam aqui, enquanto eu e Tytterttop dividiremos o quarto ao lado. Não quero dar nas vistas e devemos poupar o pouco que nos resta.

Mas Ezzila quase não o ouvia. Estava obstinada nos seus pensamentos, uma batalha privada de valores, de dúvidas, a digestão de tudo o que lhe acontecera antes de ali chegar. Caminhou para a varanda, cujo mainel de ferro parecia frágil e quebradiço, sem o menor vestígio de elegância.

Onde vim eu parar?

Ali, o odor a corda apenas se intensificava e a maresia trazia consigo o sal do mar, impregnando-se-lhe nas narinas. Também a chuva começava a cair com violência. Algures nas docas, Aymer escondia Skygga dos olhares alheios, e Waddant fazia-se passar por um velho estivador à procura de uma embarcação. *Velho, sem dúvida.* E depois, Rott e o “cara de réptil” Ted, fazendo joguinhos sujos para se introduzirem no meio corrupto de Ash, convivendo com piratas e mercenários para a tentar levar dali para casa. *Casa.* A sua esperança estava nas mãos de Rott e Coted, dois homens que a fizeram sentir-se humilhada e conspurcada. *Eles tombaram baldes de estrume sobre a minha cabeça. Eu vio “cara de réptil” a tocar-se à minha frente, com aquela expressão nojenta... E senti as mãos de Rott, o dos olhos de gato assanhado, abordando o meu corpo, o odor fétido a aguardente contra o meu pescoço, aquelas mãos ásperas nos meus seios. Aqueles dois...* E era neles que tinha de confiar agora.

— Eu não confio neles, Sentyr! — disse por fim, fazendo o arlequim e Tytterttop trocarem um olhar dúbio. Selenya estava sentada na cama, com os cotovelos apoiados nas pernas e a cabeça mergulhada entre elas.

— Terás de confiar, Ezzila — decidiu Sentyr, chegando-se a ela com fervor. Ao longe, ouviam as gaiotas, e viam as grandes embarcações, navios mercantes, naus e galés, galeras e esquifes, com as suas velas enfunadas pelo vento, talvez a levantar âncora em direcção ao alto-mar, outras a chegarem aos molhes de embarque. Cornos ressoavam e ecoavam por milhas. — Eles são uma boa hipótese de sermos bem-sucedidos.

Uma boa hipótese. Uma boa hipótese era tudo o que Sentyr lhe dava. *Tudo o que Peet me dá?*

— Como será que enviaram Hzora para Hwbane? — perguntou-se. *Se Lee Peet não nos conseguiu garantir nenhum contacto aqui... Será que foi esse mesmo contacto quem levou o meu filho para casa? Para os braços da minha mãe?* As lágrimas de Ezzila rolaram sem permissão pelas maçãs do rosto, e Sentyr parecia tentado a abraçá-la.

— Tenha calma, Alteza!

— Não, Sentyr — rebateu bruscamente. — Não vou confiar naqueles dois homens. Não vou. — Olhou de frente para o arlequim, que naquela indumentária pouco tinha de arlequim, e foi a Ezzila Fortaleza Humana quem lhe lançou aquele olhar solene. — Irei ver, com os meus próprios olhos, o que aqueles dois vermes andam a tramar!

Os olhos de Ezzila piscaram ao chegarem a um pequeno miradouro trabalhado em pedra. Os ventos estavam contrários desde manhã cedo. Seguiu a enseada com o olhar, pelo recorte sublime da faixa costeira, deixando os outros a falarem de História atrás de si. A costa era escarpada em corcundas altaneiras, uma boa parte dela coberta de muralhas pontudas, dedos cruéis acusando o céu nublado. *E vigiadas bem de perto por homens, polícias atentos... Quem sabe se serão contactos de Amarion varrendo a costa à minha procura.*

Cabisbaixos, passaram por um portão em ferro fundido guardado por dois militares de túnicas bordadas. Aplicadas sobre rumorejantes cotas de malha de aço, as túnicas exibiam a sardinha de Ash no fundo azul de Hyldegard e os coletes que vestiam por cima eram de uma cor azul-celeste. Faixas de couro branco cingiam-lhes os antebraços como braçadeiras. Seguravam altíssimas alabardas de dois metros e trinta centímetros de altura. Rígidos como estátuas, os guardas mantiveram o olhar preso no horizonte. Com uma aflitiva premência, dois mastins cinzentos ladraram das correias dos guardas para o pequeno grupo, mas tal como instruído por Sentyr, nenhum dos quatro se deteve minimamente perante a guarda ou perante os cães e os guardas não se moveram mais do que o necessário para aplacar os animais, pelo que nem pareceram dar a menor importância à sua passagem.

QUINZE

Mar Velho

Ezzila sentiu os olhos de Tyttertop a interrogarem-na.

— Finalmente, tomo o gosto à liberdade — confessou Ezzila, ao olhar para o horizonte sinuoso, beijado pelos ténues raios da Estrela Flamejante. *Cresci junto ao mar, sou ilhéu da cabeça aos pés e estou a caminho de casa. Para os braços da minha mãe... Para os braços do meu filho.*

Era isso a fantasia, as memórias daqueles que amamos, quando a mansão espiritual de cada um fica completa, lotada de absconsos sussurros, espessos mas subtis. Havia um compromisso com a memória, tragando os espíritos dos que pertenciam à nossa carne e à nossa pele. *Assim como as lágrimas.*

Junto à amurada do navio, Lazard Ezzila mantinha a mão abraçada aos dedos pálidos de Tyttertop. Ambos tentavam digerir tudo o que acontecera; eram dois estranhos a tentar perceber a incrível aventura que ali iniciavam, tentando alcançar até onde aquele estranho caminho iria conduzi-los.

A rainha trouxe o olhar do firmamento para fitar com suavidade os traços jovens do seu leal mosqueteiro, com fiapos de vapor a formar-se a partir dos lábios. Quando os olhos se cruzaram, carregados de emoção, um pequeno balanço no navio desequilibrou Ezzila, mas o susto momentâneo dissipou-se quando Tyttertop lhe pegou por um braço e os seus pés voltaram a assentar no pavimento de madeira. Fitou cada detalhe no rosto do rapaz.

Um enigma adorável.

Riram-se um do outro sem qualquer tipo de complexo. Ainda se riam quando Sentyr aproximou-se, num par de mocassins desgastados, visivelmente menos tenso do que nessa mesma manhã. O manto

puído fora substituído por outro em melhor estado e o rosto estava salpicado de pequenas gotas de chuva e maresia. O marulhar das ondas era um ruído de fundo inspirador, que fazia balancear o navio como um berço de bebé.

— Estamos já a três milhas da costa. Somos uns sacanas sortudos por conseguirmos este navio sem chamar demasiado a atenção — observou o arlequim. Era a primeira vez que tinham a oportunidade de privar depois de toda a inquietação em que se traduzira a tomada do navio e a organização do mesmo. Ainda cheirava a enxofre, depois de o queimarem em quantidade suficiente para suprimir o mofo e os possíveis resíduos epidémicos, bem como para os abençoar aos olhos de Anor, o Pescador de Homens.

A expressão de Ezzila ficou apreensiva.

— Continuo sem confiar naqueles dois, Sentyr... E o dono do navio? O que fizeram com ele? — Sentyr pigarreou e colocou as mãos atrás das costas. Os olhos piscaram.

— Continua amarrado no porão, Alteza! Se bem que os homens preferissem mandá-lo borda fora.

— Não — decidiu a rainha, determinada. — Ele é o proprietário do navio, e conhece-lo melhor que ninguém. Ainda nos poderá fazer falta. Mantimentos? Chegarão até às Hwbane? Não me agradaria ser obrigada a fazer desvios de percurso para nos reabastecer.

— Duvido que seja necessário! — exclamou Kyreen Waddant, que chegava do castelo de popa, com os seus olhos fundos e cansados a luzir de esperança. Trazia rolos de pergaminho debaixo do braço bom, mais uns quantos presos ao cinto de couro que lhe prendia as calças. O seu torso nu e peludo brilhava de humidade e suor, e um grande emplastro fora-lhe renovado no ombro ferido. — O porão está cheio, Alteza. Temos cereais, legumes e carne de vaca conservada em salmoura. E temos tormento negro, senhora! Estamos carregadinhos de tormento negro...

Os olhos de Ezzila saltaram entre a satisfação e a dúvida.

A galé mercante era velha e revelava algumas pústulas no costado direito, mas depois da primeira avaliação, os relatórios

trazidos por Waddant revelavam que eram apenas arranhões superficiais que poderiam ser facilmente sanados, assim como não detectara qualquer problema de calafetagem.

As quatrocentas e trinta e nove toneladas do navio eram, sem dúvida, um factor de risco. O barco seria detectado à distância, e o facto de ele ter tormento negro e canhões, ainda que as peças precisassem urgentemente de ser escalonadas, suscitava muitos receios a Lazard Ezzila. Tanto quanto à natureza da galé, ao interesse que ela poderia produzir em piratas e em mercenários. Por momentos, desejou que ele se tornasse invisível.

Mão de Shiin, chamava-se a embarcação. Pelo menos, segundo as palavras gravadas na ilharga. Era uma monumental construção de carvalho com castelos de proa e de popa, três enormes mastros ao centro, nos quais velas quadrangulares com serpentes tatuadas chicoteavam-se ao vento. A pele que as formava estava desgastada pelo sal. A figura de proa era um cavalo empinado, com uma serpente enrolada na sua garupa polida de madeira.

A corrente levava-os para norte e até mesmo o vento parecia estar a seu favor. *Até quando?*, perguntou-se Ezzila, enquanto sentia a madeira a ranger por baixo dos pés quando se dirigiu para bombordo. A ranger e a estremecer. *Até quando tudo estará a nosso favor?* Por momentos, desejou ser mais optimista, acreditar que a mãe e o filho estavam à sua espera e muito em breve estariam nos seus braços. Mas havia algo que a levava àquele estado de apreensão, um receio muito dela que a fez apertar um braço contra o outro no momento em que sentiu um arrepio ingrato.

Quando chegaram ao navio, ele albergava uma tripulação de setenta homens, todos eles homens de rostos antigos e cruéis, mas eram mais antigos do que cruéis e a vontade férrea de Ezzila não lhe foi negada. As ordens do mercador levaram-nos a aparecer, revelando que aquela mulher tinha uma proposta a fazer-lhes. Os homens amedrontaram-se com a simples aparição da sua Skygga e muitos foram os que quiseram saltar borda fora. Num acto temerário, mas ainda assim bárbaro, Ezzila não foi evasiva nas suas directivas. Lee

Aymer, Mysee Tyttertop, Kyreen Waddant, Weaterbee Coted, Rott e até mesmo Sentyr encarregaram-se de dominar os homens da forma mais discreta possível. Com um pouco de demagogia e a sugestão dourada de uma ou outra moeda, cerca de quarenta homens acabaram por aceitar fazer parte da sua tripulação, mas poucas palavras saíram dos seus lábios. Aqueles que se opuseram foram rapidamente silenciados por afiados gumes de lâmina. Não podiam correr o risco de conviver com eles e também não os podiam deixar em terra. Rapidamente alertariam a capitania e em pouco tempo muitos seriam os caçadores de prémios a carregarem sobre o navio.

De qualquer forma, algo no seu âmago segredava-lhe que fora tudo demasiado fácil. *Deuses brancos, que estarão vocês a reservar para mim?* Desceu a escada de madeira que conduzia ao porão sob o castelo de popa, e foi encontrar o proprietário do navio num canto sombrio, amordaçado e enlaçado nos pulsos e nos tornozelos com cordas de cânhamo bem apertadas. Estava molhado de suor e torceu-se quando sentiu a presença de Lazard Ezzila. A divisão estava repleta de barris selados, molhos de cordas enroladas e tábuas.

Apesar do seu aspecto miserável, era o mesmo homem que apostara a fortuna numa luta de galos. Uma luta que fora vencida por Rott e Coted, provavelmente de uma forma menos legal do que ambos haviam noticiado. As roupas do mercador estavam coçadas e amarelecidas e as meias a desfazer-se. Apresentava uma expressão velha: a barba estava suja e o cabelo branco caía-lhe sobre a testa, com leves indícios de que a sua cor fora dourada. O pescoço revelava-se escamado e o rosto chupado, lavrado de rugas e olheiras. Uma feia cicatriz contornava-lhe a grande orelha esquerda e o olho direito era um círculo branco. Uma medonha cara de pirata.

Assim que ela chegou, o homem soltou um som que lhe souou a desdém, mas só conseguiu falar quando Ezzila retirou-lhe uma bola de corda da boca.

— Tu! — gemeu amargamente, depois de cuspir nas tábuas de madeira. Depois do que vira na tomada do navio, era bastante fácil presumir que aquela mulher liderara a surtida. — Sua cadela...

— Cale-se — interrompeu Ezzila, sem ponta de hesitação. O chão oscilava debaixo dos seus pés e a luz esmaecida começava a escassear da abertura para o exterior, pelo que a mulher optou por acender uma lanterna de óleo de baleia que sacolejava, enganchada a uma das paredes. — Não foram muitos os homens que se atreveram a ofender-me e que permaneceram vivos.

O mercador soltou uma gargalhada amarga, deixando à vista um teclado de dentes negros e apodrecidos.

— Isso não faz de si menos cadela! — disse, quando sentiu as garras gélidas de Ezzila a fuzilarem-no. — A puta de uma cadela que há-de ser bem fodida.

— Já fui! — respondeu com desprezo. — E gostei. E você? Quando é que pretende dizer como se chama e para onde levava este barco?

O homem enrugou a testa.

— Dou-lhe as informações que quiser, cadela! Se me der algo em troca...

Furiosa, Ezzila avizinhou-se do homem e pegou-lhe na base do queixo, encostando-lhe a cabeça à parede.

— Ainda não percebeu que não está em posição de fazer qualquer exigência? — Tacteu por debaixo do traje e encostou um gume de lâmina aguçada ao pescoço do prisioneiro. — Tenho cinco centímetros de metal frio a salivar por carne. Por que maligna razão este navio está carregado de tormento negro? Para onde um bando de velhos lobos-do-mar levava todo este material explosivo?

— A...

— Fala!

Uma fina gota de sangue brotou do pescoço do homem quando ele continuou a gaguejar. As gotas de suor escorregaram dos fios de cabelo à luz da lanterna, quando ele finalmente começou a falar.

— Contrabando... As Gentes do Crepúsculo... Ameaças...

Ezzila piscou os olhos.

— As Gentes do Crepúsculo?

— As Gentes do Crepúsculo ameaçam as ilhas e o Norte... Negociamos comércio de tormento negro com contrabandistas

sulistas. As ilhas vão-me pagar o devido valor por este carregamento. Com tormento negro será muito mais fácil para eles resistir aos ataques nocturnos daqueles bastardos. Devo favores às ilhas... Passei cinquenta anos da minha vida a pagar taxas e impostos alfandegários, para acabar a velhice a traficar...

Por fim, Ezzila acabou por fazer ceder o punhal. Os olhos lacrimejaram quando o homem endireitou o rosto.

— As ilhas? Esta encomenda ia para as ilhas Hwbane?!

— Sim, cadela... Os Hayne de Denzey iriam pagar-me o suficiente para que pudesse tomar banho em pepitas de ouro.

Com desdém no olhar, Ezzila afastou-se e virou-lhe costas, o corpo uma massa escura contra a luz. A dois passos da escada, estacou.

— Como se chama você, afinal?

— Isso importa? — Ao não obter resposta, soltou um esgar. — Chamo-me Hyde Prestley, cadela.

Aí, Ezzila voltou-se na direcção do prisioneiro e retornou para ele, pegando-lhe novamente na cabeça.

— Fique descansado, Hyde Prestley Cadela... O seu carregamento será entregue, porque Hayne Bass de Denzey é meu tio, e é para as Hwbane que eu me dirijo.

Com um movimento cruel, Lazard Ezzila puxou do seu punhal da esquerda para a direita e degolou o prisioneiro. Um sorriso vermelho de orelha a orelha. A lâmina caiu, sangrenta, e o eco dela a tamborilar no solo demorou-se até a rainha deposta de Hyldegard subir os degraus de madeira. No convés, ficou o corpo morto de Hyde Prestley ensopado no seu próprio sangue.

A noite chegou quando Lazard Ezzila ainda estava à amurada do navio, acariciando as orelhas sedosas da sua fiel Skygga. O céu era um caldeirão negro sem estrelas. Lee Aymer passou com a mão pelo cabelo negro antes de se aproximar.

— Vossa Alteza! — Quando ela olhou para si, ele baixou a cabeça em deferência. — Já foi limpo o porão. Sentyr e Waddant acham que não devia ter ido falar com o canalha. O que foi que ele lhe disse que a fez mudar de ideias?

Ezzila voltou o olhar para o horizonte.

— Waddant fez-me a mesma pergunta. Limitei-me a fazer o que vocês já deveriam ter feito.

Aymer engoliu em seco, e colocou as mãos sobre a amurada.

— Seguimos as suas indicações, s'nhora!

Deu-se um segundo de impasse. Lazard Ezzila reflectiu sobre as suas acções e sobre a condução dos acontecimentos.

— Obrigado pela tua lealdade, Aymer. — Os seus olhos subiram, tímidos, pelo corpo do rapaz. Tinha os dentes ferrados no lábio inferior. — Se não fosses tu, se não fosse o teu pai, provavelmente eu não estaria viva. Obrigado, Lee Aymer.

— O meu pai... — A sua voz grave estava a enrouquecer, a falhar. A sugestão de uma lágrima espreitou-lhe pelo canto do olho. — O nosso pai, s'nhora, teve os seus erros, mas ele sempre quis o melhor para nós...

Ezzila quase não conseguiu controlar-se. Queria explodir nos braços do seu irmão e chorar. Ao timão, como um experiente contramestre, Rott olhou-os com aqueles olhos avarentos, enquanto Waddant se lançava sobre o mastro, resmungando sobre os borrifos e a promessa de borrasca. Velhos marinheiros caminhavam de um lado para o outro sobre o convés, cumprindo as suas tarefas. Farrapos de vapor brotavam dos seus lábios.

— Ele... Ele contou-te?

Meio a rir, meio a chorar, Aymer afagou o ombro da rainha.

— Ele contou-me. E contou-me o que você fez para lhe salvar a vida, para esconder a sua identidade. Fez-me jurar que guardaria segredo sobre tudo, s'nhora. Sabe, quando a minha mãe morreu, ele confidenciou-me estas coisas... Confidenciou-me que não se chamava Lee Peet e que não fora sempre o fabricante de flechas. Sabe, ele contou-me que pertencia a uma dinastia de reis muito antiga, que o seu nome verdadeiro era Lazard Rog. Confidenciou-me que se mantinha sob disfarce para a proteger, para de alguma maneira a poder vigiar e agir em sua defesa na hora certa. Minha s'nhora, a hora certa chegou.

Lazard Ezzila caiu nos braços dele, a soluçar. Foi depois desse abraço tão emotivo e profundo que Aymer pegou-lhe na mão macia.

DEZASSEIS

Welçantiah

Nas sombras frias da divisão coberta de jaulas sob a Arena de Ambersio, Ameril Goròn sentiu a sua disposição mudar ao ouvir os soluços efeminados de Cliw Barahoon, de joelhos no chão, com as mãos apertadas em volta de dois dos tubos que delineavam a jaula onde estava confinado.

— Por favor! Por favor! Apoiá-lo-ei na Assembleia. Colocarei o seu nome no meu testamento. Deixar-lhe-ei tudo, tudo. Peço que me poupe! Por favor!

A tua cobardia enoja-me, Barahoon, pensou ao bocejar, enquanto deslizava o olhar do rosto borratado de lágrimas do príncipe de Hamm, pregueado e trémulo, para a jaula seguinte. Kamber Bill era um homem bem constituído, um porte escoreito para os seus cinquenta e muitos anos. Estava sentado no chão frio da cávea, estudando-o com uma serenidade venenosa no olhar vingativo. Cabelos negros margeados de branco caíam-lhe para os olhos grandes e expressivos.

Goròn passou por ele sem lhe dirigir mais do que um relance. Para além das súplicas ridículas de Barahoon, só se ouvia o reverberar dos seus passos e o rosnar excitado que derivava das mandíbulas ameaçadoras de jaguares, pumas e panteras, os quais ocupavam jaulas lado a lado com os prisioneiros. Trull Hower tinha a cabeça metida entre as mãos, e Goròn viu por entre as grades que se urinara todo, embora não parecesse dar grande importância ao facto.

Parou diante da cávea onde Kolt Prence-Milt permanecia coberto pelas sombras, num recesso sombrio. Goròn abriu o sorriso e assobiou antes de bater com as unhas de uma mão num tubo de metal.

— Agradeço-te, Kolt! Sem ti, nada disto seria possível. E não te preocupes, ao contrário dos teus companheiros, não morrerás tão cedo. Desempenhaste um papel fundamental na glória da administração Ameril.

O esbirro de Dyekken Jacoh ergueu-se de um salto, atirou-se contra as grades e cuspiu-lhe para cima. Goròn sentiu a saliva do prisioneiro a descer-lhe o rosto, e quando o limpou com um braço, sorriu.

Menos de duas horas mais tarde, após os Jogos Sangrentos e o Campeonato de Gladiadores, os prisioneiros que haviam conspirado contra Ameril Hymadher foram conduzidos à Arena, amarrados uns aos outros por cordas de cânhamo. Vestiam apenas túnicas de lã sem qualquer adorno. Kamber Bill, Cliw Barahoon, Hollon-Tamis Tim, Trull Hower e Kirb Samuel foram pastoreados pelos guardas da arena, delineando aquilo que se assemelhava aos vértices de uma estrela. As cordas que os ligavam foram unidas ao centro, onde o bravo gladiador tooli chamado Salamani Oqq estava amarrado pelos pulsos e tornozelos com as mesmas cordas.

A única hipótese dos prisioneiros era unirem forças e correrem para a orla da arena em simultâneo, quebrando o gladiador. Mas o tooli, de um vermelho-colorau típico da sua gente, que havia ganhado fama nas campanhas épicas do general Wase Salagassan no Sul, era um bloco de músculos.

Vestia apenas um lorigão de couro e umas sandálias, e tanto os músculos do peito quanto o queixo recuado vibraram e estremeceram quando puxou uma das cordas e o primeiro prisioneiro soçobrou na poeira difusa que montava o ar, uma nuvem de areia que desidratava e fazia ressequir as gargantas.

Goròn não viu quem fora a primeira vítima, mas vira Oqq a esmagar-lhe o crânio com um pé, e depois disso, os restantes não demoraram muito tempo a cair. Samuel foi esventrado por uma lâmina na sandália do gladiador. Barahoon asfixiado quando uma das suas mãos se lhe fechou na garganta. Kamber Bill morreu quando o gladiador, sentado sobre o seu peito, lhe fizera entrar um punho inteiro

na boca, trazendo consigo a língua do homem. As tranças negras do tooli flutuaram na tarde quente, quando se ergueu de braços erguidos para saudar o público. Exclamações vogaram por toda a plateia, enlouquecidos de êxtase pelo espectáculo de sangue.

Uma vintena de guardas abriu a porta gradeada do poço, para içar uma jaula de ferro. No seu interior encontrava-se uma figura velha e derrubada, de contornos flácidos. Goròn sorriu ao reconhecer Fel Manny. Fro Carmez, o Círculo de Misera e os seus noviços entraram na arena por um dos portões, com tochas em punho e as expressões ascéticas de quem quer receber laudas por uma matança. Goròn ergueu-se da sua tribuna, enlaçou o braço no de Amara e chegou-se contra o espaldar pintado de vermelho da balaustrada.

— Dedico-lhe a primazia, senhor! — exclamou Carmez, esticando uma mão de dedos esbranquiçados ao indicar Ameril Goròn. A porta da cela abriu-se e viu um indivíduo com o traço negro dos etrain a enganchar uma tocha num nicho da prisão, para logo depois depositar sobre o solo uma caixa de verga branca. Fechou a porta ao sair.

— É agora! — rugiu estridentemente Berínia Amara, completamente excitada com o espectáculo que se preparava para assistir.

Goròn assentiu, regozijando-se por dentro. Uma série de tarântulas-de-sangue saltaram da caixa, grandes, gordas e negras, com patas longas como pinças e uma cobertura de pêlos negros nos corpos.

A perplexidade adensou-se no rosto pétreo de Manny, um retalho de carne comida pelas sombras das grades. Tentou forçar as correntes que o coagiam com uma imponência atroz, mas nem o braço feito de ferro conseguiu fazer-lhes massa. As tarântulas pareciam ser cada vez mais e maiores até se transformarem numa verdadeira mortalha a deslizar no encaço de um Fel Manny demitido da vida, encarando e esperando pelo seu fim.

Ameril Goròn chegou-se para trás e piscou o olho ao jovem guarda Toppe Cladyan, que lhe montava guarda, antes de se voltar a sentar. Dos muros da plateia saltaram membros da Guarda Ameriliana, mais de trinta, que afastaram os sacerdotes com mãos nodosas e calejadas. Zamora Dane comandava a surtida que irrompeu

DEZASSETE

Quando adormeceu nessa noite, Goròn sonhou que Zamora Dane e Hordy Mool partilhavam de um mesmo cigarro, segredando formas de o assassinar. Depois, com o rosto meio engolido pelas sombras, Dane asfixiava-o com uma almofada de penas sobre o rosto, em pleno leito real. Acordou alagado em suor, mas a bruma afastou-se quando se pôs de pé, fixando o olhar nos tinhosos que o fitavam atentamente. O demónio karye na lareira, com a sua língua comprida a chamá-lo para si, o jarrete malandro que parecia cabriolar e troçar de si em silêncio, embora não se movesse, e os retratos nas paredes, coisas retorcidas e grotescas a chamá-lo para o Qaos. *Que os akhamay me mantenham vivo, já que os deuses brancos são tão indolentes como previsíveis.* Na pequena arca de acácia no seu cómodo, repousava uma grande parcela do seu poder, do seu vínculo com o Qaos. Abriu com elegância a fechadura em forma de flamingo, e os seus olhos luziram perante aquele ovo encarnado.

Como uma prece lastimosa, a velha cantilena que lhe ensinaram em criança ecoou na sua mente:

Para cada carta, um desígnio.

Língua de ferro para o Rei.

Pó de prata para a Rainha.

Terra para o Príncipe de Terra.

Ovo de Mallaya para o Príncipe de Fogo.

Naja manticora para a Princesa de Tudo.

Idade para o Príncipe de Água.

Maternidade para a Princesa de Nada.

Línguas de fogo para o Príncipe de Ar.

Areia para o Senescal.

Pedra para o Arquediago.

Sexo para o Filiado.

Livre-arbítrio para a Consorte.

Água para a Estátua de Ametista.

Sombras para o Filho Prometido.

Ainda com a roupa de noite, passou parte da manhã a calcorrear os quartos do palácio, galerias secretas em grelhas que davam passagem a outras igualmente secretas, e em todas elas havia algo que lhe proporcionava uma visão íntima do que segredavam os habitantes daquele ninho de horrores. Havia uma corrente de excitação à sua volta. Os seus olhos atravessaram os orbes vazios do retrato a óleo de Carpert, O Feio, na alcova de Vax Mohill. Eram ali verbalizadas verdades que as aparas do tempo lhe haviam granjeado em dias de antanho.

Mais à frente, encontrou o aposento de Berínia Amara, e observou-o através de um velho relógio de sol. Aquela que seria em breve a sua esposa estava sentada ao fundo da cama, ataviada com um belo vestido rendado com pedrarias, a tentar prender o cabelo com alfinetes adornados de ametistas. Quatro das suas filhas, todas elas gracejos e gargalhadas, coisinhas adoráveis, rodeavam-na com euforia. Soffya subiu de joelhos para a cama, para a ajudar a prender um alfinete quando se picou.

— Aii! — gritou.

A luz da manhã internava-se pelo aposento requintado da sereníssima, fazendo-o brilhar como ouro. Uma mecha de cabelo louro a embranquecer cobriu uma face à mulher.

— Quando me casar com Goròn, esta gente vai ver quem é Berínia Amara. Essas ervas daninhas da corte vão sentir na pele o que me fizeram depois de o meu bom Eywar ter ido desta para melhor. A viúva vermelha irá emergir da lama em que a enfiaram, e enfiá-la pela boca.

DEZOITO

Atalaia Cruü, Cordilheiras Bravas

O céu era uma sombria reminiscência do passado, uma terrível tapeçaria de morte e de desolação. Cada estrela era um companheiro tombado, um corpo a desabar no solo, despojado de vida, mergulhado numa poça de sangue negra, um rosto entumecido a desbotar, uma expressão aguda de dor a dissipar-se num silêncio perene, uma imagem de vidro fosco. Cada constelação era um mar de cadáveres a dispersar-se em rios vermelhos de polpa sangrenta. O céu era o espelho nefasto do seu pesadelo vivido e revivido... *várias dezenas de vezes.*

Cães negros alados a soprar fumo e fogo serpenteavam pelos céus, acompanhados por sereias de fogo que tocavam liras. Montado numa quadriga em chamas, um príncipe de pele negra com olhos vermelhos esperava-o no topo dos céus, conduzindo quatro unicórnios; mantinha um pingalim de ouro retorcido numa mão, um bastão de ouro maciço na outra. Era como um sonho, mas não era, era mais um jogo, um jogo de cartas que se baralha e volta a dar, e quando se viram as cartas para cima, aparecem estas figuras sinistras a moverem-se, do género daquela atípica representação que os actores e charlatões mostram às crianças – os akhamay numa folia desenfreada de cálices a arder, a entrondearem uns contra os outros e vinho dos infernos a verter-se por queixos negros e queimados. Olhos vazios, bocas sedentas e estaladas pelas punições, bocas cheias de nada.

Mas não era nenhuma dessas figuras quem ele via. Ameril Hymadher só observava as estrelas, os cães, as sereias e o príncipe. Aquele príncipe negro de olhos vermelhos. Aquele príncipe que, não sabia como nem porquê, o assustava. *Draaj Nesemi. Os espectros não têm sangue, segredava-lhe o vento. A voz de Worrena. Worrena, Hamsha,*

Goròn, Uw-Abblard, Wilfred-Hunther, Berínia Amara. Vozes. Vozes que não saíam da sua cabeça sempre com as mesmas macabras palavras. *Mas eu tenho*, dizia-lhe uma outra voz. A voz de Mayra, sua irmã de criação, que morrera muitos anos antes, violentada até à morte por indígenas. Depois aparecia-lhe Ezzila em pranto, sentada numa poça de sangue, e era essa a visão que mais o inquietava, e que o fazia de imediato romper o seu estado de dormência. *Uma faca nas sombras*.

Acordou ensopado quando bateram à porta. Foi apenas um pesadelo. *Só um pesadelo*.

— Quem é?

— Sou eu... — A voz tímida de Ambelyn.

Hymadher sentou-se de um salto.

— Entre...

Quando a rapariga entrou, Hymadher registou de imediato os seus lábios irresistíveis, um olhar quente disfarçado de timidez, e mal fechou a porta atrás de si, uma alça do vestido tombou-lhe pelo ombro. A rapariga correu, meio aos tropeções, para a cama de Hymadher, onde se aninhou ao seu peito em soluços. *Sei que estás tão abalada como todos nós, mas também sei o que queres de mim, e isso, eu não te posso dar, pequena...*

Acarinhou-lhe suavemente os cabelos macios; quando ela se encavalitou ao seu colo e lhe deu um beijo nos lábios com um estalido, Hymadher sentiu o tecido macio e fresco da sua pele, foi aliciado pela textura, mas apartou-a com cortesia e deixou-a sentada na cama. Ergueu-se e virou-lhe costas, tentando conjecturar uma resolução para o caso. Ele adorou o beijo, queria-o desde a primeira vez que a vira, mas foi só. A rapariga tinha idade para ser sua filha.

— Tens uns lábios do outro mundo, miúda. Mas és esposa de Hogan, e nunca o irei trair. Devo-lhe muito. — Virou-se para ela. — E mesmo que não fosses, este não era o momento. Agradeço-te pela ousadia, uma nesga de calor neste cenário gélido e cinzento em que vivemos, mas chega. Sou o teu rei, e ver-me-ei obrigado a tomar uma atitude mais rigorosa se insistires nisto.

A rapariga tinha ainda os olhos a coriscar com o sabor da paixão, mas baixou o rosto com vergonha, e saiu do quarto a consertar o vestido, certificando-se que ninguém no corredor dava por si.

Hymadher suspirou profundamente quando ela fechou a porta. *Puxa dos teus galões, Rei Ameril.*

Zepell Elwy aparecera no dia seguinte à tragédia, ferido de bicadas, pálido como um fantasma, aos tropeções e a arder em febre. Encontraram-no a três quilómetros de distância de Cruü e levaram-no para a estalagem. Mais tarde, Zepell Anì, a sua tia, que se escondera durante o ataque das gralhas-de-sangue dentro de um roupeiro, levou-o para casa de modo a cuidar do rapaz com maior profundidade e condições. Era uma senhora idosa com olhos de coruja, uma cascata de cabelos grisalhos até abaixo das nádegas e uma enormidade de rugas e estrias que segredavam o quanto fora roliça na juventude.

Numa inspecção mais alargada pelas redondezas, ao segundo dia após a tragédia, Tolley, Calttor e Marthyna foram dar com dois cadáveres, carcomidos por corvos e gralhas-de-sangue, com uma espessa nuvem de moscas a inteirar-se das suas entranhas. Eram os corpos de Jagge Walton e Unverwoemen Cally, os rapazes de Duas Moitas. Perante a notícia, o rei recolhera-se sem ânimo ao quarto da estalagem. Deitado, Ameril Hymadher pensou no Chefe Walkett, o senhor de Duas Moitas, e no quanto lhe falhara. Dos rapazes que recrutara na povoação, apenas Zepell Elwy estava vivo, e em péssimas condições de saúde. Esticou o braço e flectiu os dedos, apenas para se certificar que eles ainda se moviam. Estavam ásperos e vermelhos.

Hymadher descia os degraus que conduziam ao piso térreo da estalagem, quando percebeu algumas movimentações. Os Scrimley ainda estavam em choque com a morte do jovem Januar, pelo que se mudaram para o albergue. As suas expressões assemelhavam-nos a simples mortos-vivos, sem alma nem vida. Ambelyn e Imonia preparavam o pequeno-almoço na cozinha, enquanto Elani colocava os talheres de madeira sobre uma mesa. Encostado a uma parede, Aggert parecia apreensivo, a sombra de um guerreiro ousado. Sentados estavam já Larny, Marthyna e Tolley, que aquando da sua chegada conferenciavam sobre o destino a dar às suas vidas.

— Que podemos fazer? — perguntou Marthyna. — Estamos remetidos a um povoado sem vida, onde pessoas boas morreram. É difícil ficar aqui, depois de tudo. Podemos fixar-nos e tentar reerguer

isto, devemos isso a Cruü, a todos aqueles que perdemos, mas acho que precisamos falar primeiro com Hogan e Hymadher.

Uma faca nas sombras, recordou-se.

— Na minha perspectiva — interveio Hymadher, enquanto descia a escadaria —, está fora de questão abandonarmos esta terra enquanto Elwy e Larny não recuperarem totalmente. — Chegou à sala comum e dirigiu-se à mesa onde se iniciara o debate. Colocou uma mão no ombro de Marthyna, que deslizou o olhar para cima. Quando o viu, passou com um lábio sobre o outro. Tinha os olhos vermelhos. — Vocês podem ficar aqui, mas eu tenho um problema a resolver! Uma tarefa a cumprir...

Tolley ergueu-se e foi peremptório:

— Eu não vou ficar aqui — admitiu, meneando a cabeça. — Aqui morreram pessoas boas. Aqui morreram amigos meus. Aqui morreu Kermil, senhor. Se você sair desta terra, eu vou consigo, seja para onde for.

À porta, Kallamey Hogan ouviu aquilo. Entrava na estalagem com Calttor, o Diabo Chamado Hurth e o prisioneiro Benn atrás de si. Tinham os rostos laureados pela luz bolorenta que a porta aberta trazia, descorados e quase cadavéricos. Hymadher foi até uma das venezianas de articulações partidas.

As placas de madeira batiam de um lado para o outro com a força do vento, que lhe soprou um repuxo de chuva miudinha para os olhos. Fitou com apatia e algum fulgor o exterior, o coração do nada. Sabia o que tinha a fazer. Por um lado, tinha de ajudar aquela família; por outro, os seus consecutivos sonhos revelavam-se como visões de um futuro, mais ou menos longínquo. *Draaj Nesemi*. Precisava saber o que isso significava. Precisava ajudar de alguma forma o rapaz, Welder Uw-Abblard. E sabia bem quem poderia dar-lhe as respostas de que precisava. *Uma faca nas sombras*.

Fechou a janela e voltou-se.

— Eu sei quem nos pode ajudar a explicar isto! Quem nos pode ajudar a solucionar esta maldita maldição que nos parece perseguir a todos. Eu preciso disto. Preciso de resolver isto. Preciso de ajudar o rapaz, Uw-Abblard.

DEZANOVE

Mar Velho

Lazard Ezzila não gostou do que viu. *A tempestade quebrou a haste de um mastro... Faltará muito até que me quebre as esperanças?*

O ar estava carregado de névoas marítimas. Waddant gritava ordens, mas nem sempre a tripulação lhe obedecia. Weaterbee Coted, Lee Aymer e Mysee Tytterttop remavam que nem uns loucos e os velhos tripulantes do navio faziam o trabalho que oitenta cativos não fariam. Rott juntara-se a eles, com os olhos esbugalhados e a face queimada pelo sal, e Sentyr descera do cesto da gávea antes que esta se partisse ou que o vento o levasse. Apesar de ainda ter o ombro ferido, Waddant livrara-se da ligadura de modo a poder usar convenientemente o braço esquerdo. Segundo Ezzila ouvira dizer, Sentyr removera-lhe a bala do ombro ainda antes de fugirem de Hyldegard. Com todas as suas forças, tentava rizar a vela do último mastro, a mezena.

Aguentaremos muito mais?

— Velas de gávea! — gritou Waddant. — Leme para estibordo...

Ezzila encontrava-se fechada na cabina, aconchegada a uma agitada Skygga e a uma trémula Selenya, mas quando a luz intensa do relâmpago penetrou nas frinchas por entre os painéis de madeira do tecto, decidiu que não podia ficar mais ali. Subiu os degraus para o convés e não gostou do que sentiu. Um solavanco, madeira a ranger e a inclinar, e por momentos perguntou-se se o navio teria ido de encontro a um banco de areia. Os seus dedos roçaram na antepara que a separava do exterior e tactearam-na até a agarrar num puxão, permitindo-lhe manter-se de pé.

Quando um novo abanão fez-se sentir, acabou por tombar de borco dos degraus. Soltou um grito que lhe arranhou a garganta e

o chão fugiu-lhe debaixo das sandálias. Viu os painéis de madeira a deslizarem pelos seus olhos a uma velocidade estonteante, a respiração faltou-lhe momentaneamente e as costas foram-se estatelar nas pranchas humedecidas de madeira, derrubando um balde cheio de cordas em nós. As costelas e os quadris ficaram doridos, o ombro vítima de uma torção dolorosa, mas ainda assim conseguiu voltar a colocar-se de pé, com as mãos vermelhas a procurarem nichos rasgados nas paredes onde se pudesse agarrar.

— Para estibordo! — gritava Waddant, como um velho lobo-do-mar, agora também a remar com todas as suas forças. Ezzila daria tudo para que também ali estivesse Joddy, que ele não a tivesse traído como traíra. *Um marinheiro do exército daria tanto jeito agora.*

A galé mercante travava uma luta de heróis contra o mar, o cavalo na proa parecia galopar contra a espuma, contra as ondas que reben-tavam no casco, contra a névoa e contra os relâmpagos monstruosos e terríveis que a amedrontavam e lhe feriam os tímpanos. Com esforço, arrastou-se até uma das fileiras de remos, onde se posicionou atrás de Tytterttop. Pegou também ela num remo e em movimentos circulares moveu a grande pá ao ritmo dos tripulantes, madeira a beijar os velhos toletes de ferro, cheios de fuligem. Depressa percebeu que o seu esforço era muito maior do que o resultado que ele produzia e os braços doíam-lhe como se um torno os estivesse a apertar. Não cedeu. Uma aragem fedorenta pairava no ar, forte como o sopro de um titã. Foi com náuseas que sentiu um projectil de algas e líquenes ser-lhe cuspidado para o rosto, presente de uma onda mais afoita que galgara a amurada e os deixara a todos encharcados.

A tremer e a soluçar, Ezzila sentiu-se como uma menina contrafeita, com vontade de fugir dali e chorar, chorar tanto até não poder mais. Tinha a roupa molhada e o cheiro salgado do mar a encher-lhe as narinas, as entranhas a revolverem-se, enjoada pelos balanços do mar e pelas rebentações junto aos cascos do navio. Soluçou, assustada. Dos seus olhos brotaram lágrimas salgadas, mas ela não iria mudar de ideias e recolher à cabina.

Ela era Ezzila, descendente dos Lazard, uma Fortaleza Humana.

Não me irei entregar. Não me irei entregar. Que Anor, O Pescador de Homens, me lance a sua cana e me erga sobre os mares. Lazard Ezzila não será vencida por uma vulgar tempestade. Tempestade que pisarei como a rainha triunfante que sou. Dura como uma rocha, Lazard Ezzila tentava acreditar no que murmurava para si mesma, arrancando toda a força interior que ainda tinha, recusando a ideia de servir de alimento para lulas e caranguejos.

A verdade é que Ezzila não desistiu e demonstrou toda a sua austeridade nas horas que se seguiram, soltando bramidos guerreiros que inspiraram os homens que a reverenciavam. Foi uma luta emocionante, lenta e cruel do Homem contra a força do mar. Por momentos, tudo eram sons temíveis e monstruosos, timbres volumosos que a deixaram surda até a rebentação se aplacar e a tempestade se debelar.

Graças aos deuses. Graças a Anor.

As névoas cederam pouco a pouco, deixando os homens enso-pados a arfar, loucos de cansaço. Quando deu, por fim, a batalha por vencida, Lazard Ezzila arquejou e caiu para o lado, sem ânimo. Tyttertop levou-lhe os dedos ao rosto, acariciando-a gentilmente, e pegou-a em braços para a levar à cabina. A rainha dormiu por meio-dia, e dormiria outro tanto.

Isto foi um sonho?

Percebeu que era bem real quando Selenya chegou junto de si com uma taça de papas de aveia, os olhos estreitos a afagarem-na mentalmente.

— No mínimo, esperei que me trouxesses algum coquetel de enguias e bivalves. — O olhar da menina pareceu assustado, mas quando se riu, ela abriu o rosto num sorriso inocente e afável.

— Tenho gosto de ver que a maré não lhe levou o humor, senhora. Mas se quiser que lhe prepare outra coisa...

Ezzila fez que não com a cabeça, e indicou-lhe que se sentasse a seu lado. *O que faria eu sem este sorriso sincero.* Acariciou-lhe a maçã-do-rosto com carinho e suspirou profundamente.

— Temos de poupar provisões, minha querida. Tenciono verificar em que situação se encontra Denzey quando lá chegarmos; porventura também precisarão de vitualhas.

Decidiu voltar a subir ao convés para ver com os seus próprios olhos o estado do navio. Skygga seguiu-a serenamente, com os flancos a arquejar e o pêlo eriçado a ondear a cada movimento. Curvou a cabeça ao seu toque. Aquelas presas em foice intimidavam o mundo.

Ezzila encontrou Rott e Coted a cochichar. Tinham os mantos sujos, cheios de manchas e salpicos de líquenes. Os seus rostos pálidos mostravam alguma reserva perante a ameaçadora presença do tigre-dentes-de-sabre. A relação com os restantes marinheiros estreitava-se, era vê-los envolvidos em conversas amenas com aqueles homens cansados vestidos de tons caqui. Aymer movia o cordame, enquanto Waddant, Tyttertóp e Sentyr avaliavam no castelo de proa os danos causados pela tempestade.

Ezzila abeirou-se da amurada, agora livre dos farrapos densos de névoa, para fitar o interminável tapete de água, a espuma branca a derramar-se diante dos seus olhos, bem mais serena do que se revelara horas atrás. Compridas aves de crista, uma estirpe de cinzéis-marinhos, acompanhava-lhes a rota, cortando as ondas do mar com os seus bicos de dez metros e guinchos atrozes a imperarem sobre as rebentações.

Quando o navio inclinou, o comprido bico de uma ave internou-se pela amurada e farejou o convés. Rott e Coted tropeçaram e escorregaram pelos painéis de madeira, e o seu trambolhão conduziu-os à parede do castelo de popa, mas Ezzila escondeu-se atrás de um barril e esperou, ansiosa, que o cinzel-marinho se retirasse, o que sucedeu quando se deu conta que a embarcação não abrigava nenhum tipo de alimento que lhe saciasse as ânsias.

A alimentação dos cinzéis-marinhos consistia de moluscos, peixes e mamíferos do mar, sendo um conhecido predador de baleias e golfinhos, mas também um verdadeiro pesadelo para marinheiros e pescadores. Nas docas jorravam histórias sobre homens que eram engolidos pelos seus bicos horrorosos. O cinzel-marinho pipilou, bateu as suas compridas asas e afastou-se do *Mão de Shiin* com elegância, seguindo o seu curso e o seu bando, deixando, no entanto, graves danos na embarcação.

VINTE

A prancha rangeu e oscilou quando caiu sobre a amurada do navio. Por ela passou meia centena de homens, com a pele queimada pelo sal, olhos carregados de maldade e mãos geladas em volta dos cabos de madeira de espadas cruéis. Arcabuzes de bocas largas, reforçados a latão, eram vistos nos cintos de couro estalados pelo sal e pelo vento, e viam-se alguns mosquetes com baioneta. Alguns homens vestiam armaduras, de cinzentos abatidos e ocre de ferrugem, mas a maioria envergava túnicas bolorentas sob mantos simples, descoloridos pelo sal e tingidos de cinza e de verde. Cordas de cânhamo faziam de colares e braçadeiras, e brincos dourados pendiam de orelhas, narizes e sobrelhas.

Os galeões permaneciam a uma distância de segurança e eram pintados de um negro antigo, com frisos de um triste tom cinza-pálido e manchados de líquenes. As suas figuras de proa eram dois imponentes machados de guerra, trabalhados com detalhe e precisão em madeira, pintados de negro com acabamentos em bronze. Em pouco Ezzila conseguia distinguir algum sinal de Hyldegard naqueles dois galeões, com a exceção dos brasões estampados nas suas velas macabras. *Que jogo sinistro andas a jogar, Riotto Amaron?*

O capitão era um homem altíssimo, com um metro e oitenta centímetros de altura, com um grande casaco de lã tingido de branco sobre vestes desbotadas de um tom castanho. Não duvidaria que o mandara escovar vezes sem conta. Viu que as suas botas de cano alto estavam cheias de atilhos e ilhoses, quando passou pela precinta. O rosto descarnado de pele trigueira revelava cicatrizes e equimoses; uma verruga caía-lhe do queixo e um brinco dourado

trincava-lhe a carne sob a sobrancelha. *Um costume do Norte*, sabia Ezzila. Quando ele saltou para as tábuas de madeira sobre o navio, o vento estremeceu-lhe as vestes.

— Quem manda aqui? — perguntou numa voz densa e desdenhosa.

Desde logo Kyreen Waddant deu um passo à frente, tal como articulara com Ezzila. Encolheu os ombros, numa mescla de desinteresse e desdém.

— Quem quer saber?

O austero capitão olhou-o de alto a baixo, cofiando a verruga no queixo enquanto o perscrutava. Waddant envergava um manto verde sobre a roupa que antes transportara, e o cinto revelava um grande revólver de madeira escura. Atrás de si, Aymer aparecia de tronco nu, com dois cinturões cruzados sobre o torso e uma espada caída sobre a anca direita, enquanto Weaterbee Coted envergava um manto púrpura sobre um almofadado de couro. Dois bacamartes espreitavam das ancas.

Atrás deles, o velho Sentyr, trajado com roupas esgarçadas, arremessava baldes de estrume borda fora, e Lazard Ezzila, com o cabelo apanhado atrás da nuca, movia uma esfregona, simulando lavar o chão como uma simples criada de navio. Vestia uma camisa de couro ligeiramente rasgada sobre a pele, e umas calças de linho descosidas cingidas à cintura por uma petrina de camurça, meio estalada. Um par de mocassins coçados cobria-lhe os pés. Por ser, aparentemente, a única mulher a bordo, seria alvo fácil dos olhares alheios, mas manchara o rosto e o cabelo com líquenes e disfarçara-se para que a sua verdadeira identidade passasse indemne.

Devidamente amestrados, os tripulantes de Hyde Prestley moviam-se em tarefas rotineiras. Enquanto Rott rodava o timão à proa, Mysee Tytterttop encontrava-se escondido na cabina de Ezzila, com uma espada erguida entre os olhos. Selenya e Skygga mantinham-se debaixo da cama, preparadas para qualquer contingência.

O capitão puxou um punhal com um olhar de troça e Ezzila sentiu Waddant a revolver-se, tentado a pegar no punho de madeira

do seu revólver e dar um tiro entre os olhos do sujeito. Secretamente, suplicou-lhe que se mantivesse sereno, porque a tensão fazia parte da conjuntura e uma atitude precipitada deitaria tudo por terra. O capitão exibiu então a mão esquerda; escura como terra, manchada de branco, com unhas compridas enegrecidas pela sujidade. Ostentava um par de anéis de bronze no indicador, um de ouro no dedo mindinho, e um grosso aro de prata no polegar. Sacou de um punhal e começou a limpar as unhas com um gume baço.

— Fui baptizado como Rose Chandler, nas Ilhas Salamandra, mas o meu pai era um pirata maneta e a minha mãe uma lanceira de Aan, das mais devassas. No Mar Velho tornei-me uma lenda entre os corsários. Chamam-me O Castão Negro e sou capitão do Saria. — Sorriu, jocosos. — Agora que está esclarecido a meu respeito, presumo que seja você o mestre deste navio.

Um corsário. Ezzila quase estremeceu. Os corsários não eram mais do que piratas, legalizados aos olhos dos governos das Terras Altas. Mais do que isso, eles pilhavam e saqueavam em nome das tríades. Se os galeões eram corsários, por que inóspita razão exibiam o brasão de Hyldegard nas velas? Era uma pergunta para a qual precisava obter resposta.

Chandler fitou-a por um segundo e ela logo virou o olhar para a tábua ensopada do convés, evitando encará-lo. Os olhos do capitão eram de um verde-azeitona brincalhão, que pareciam estar sempre alegres.

— O meu nome é... — Waddant hesitou, e Ezzila soube que dera meio passo para a morte. — Tomoh. Tomoh Mars. Sou comandante deste navio, sim. Posso saber o que desejam de nós? Deixem-nos prosseguir a nossa travessia.

O Castão Negro soltou uma gargalhada cruel, que ecoou entre os seus homens.

— Onde está a sua documentação, comandante? — Waddant balbuciou.

— Duvido que a minha documentação seja do seu interesse, corsário.

Os piratas explodiram em gargalhadas, mas desta vez Rose Chandler manteve-se ordeiro, com uma ruga de inquietação entre as sobrancelhas. Meneou o cabelo longo, de tranças negras, humedecido pela maresia e enrijado pelo sal. O pescoço era um mapa nervurado de veias salientes. Ezzila sabia que Kyreen Waddant desejaria torcer os seus dedos naquele pescoço. *Eu também.* Chandler deu um passo à esquerda, insinuando afastar-se do pretenso comandante. Depois, lançou-lhe aquela voz rude:

— Não pretenda dizer-me como fazer o meu trabalho, caro Tomoh. Eu sei como cuidar dos meus negócios e a sua hostilidade não me apraz. Não vai querer desafiar o poder mercantil que represento, comandante. Acordos de comércio brotam dos meus dedos como fichas de jogo. Rotas de comércio são definidas pela minha palavra em qualquer concílio entre potências proteccionistas. — Tocou-lhe no queixo com arrogância. — Woody, Kaj, inspeccionem os porões.

Era o que Ezzila mais receava. *Eles vão descobrir o que transportamos e roubar o que é nosso.* Woody era um tipo franzino com um olho muito inchado e uma coroa de cabelos castanhos, encaracolados à volta de uma pequena calva, e Kaj um negro com uma foice e um estilete à cintura, dono de uma dentição luzidia onde brilhava um dente de ouro.

Quando eles regressaram, o Castão Negro sentou-se de pernas cruzadas sobre um barril estirado. Beliscou a verruga no queixo enquanto desfolhava um pequeno livro-razão e junto de um bloco de notas que trazia o relatório dos seus homens. Algum tempo depois, Chandler ergueu-se para se dirigir a Kyreen Waddant, que fora sitiado por corsários com bacamartes erguidos à sua cabeça. O olhar do pirata revelava que descobrira ali um filão de grandes oportunidades.

— Vejo que leva aqui uma boa carga, comandante. Para onde vão com toda esta mercadoria?

Waddant engoliu em seco. Ezzila sabia que pouco tempo restava até o seu querido e leal protector explodir de cólera e deitar tudo a perder. Mas precisava confiar nele. *Agora, mais do que nunca.*

— Hwbane, senhor — disse por fim Waddant, com humildade. Ezzila congratulou-se por isso.